

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

Patrícia Velasco

**“Terra seca, homem seco”**: *as relações entre a Literatura e o Ensino da Geografia*

**MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**SÃO PAULO**  
**2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

Patrícia Velasco

**“Terra seca, homem seco”**: *as relações entre a Literatura e o Ensino da Geografia*

**MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em Geografia sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Marísia Margarida Santiago Buitoni

**SÃO PAULO**  
**2012**

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

A todos  
Os Educadores de Geografia e Literatura

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido novamente a Vida  
em troca do “Anjinho”,  
um verdadeiro presente de Deus, Samuel.

Ao meu paizinho e mãe querida  
que muitas vezes me socorreram  
com uma palavra de encorajamento  
e até mesmo com recursos financeiros.

Aos meus familiares e amigos,

Em especial, a minha Orientadora, Marísia Buitoni,  
que acreditou em minha capacidade  
de progredir, avançar  
e me fez persistir.

Ao meu Esposo Marcos e ao meu Filhinho Jorge  
que em nenhum momento  
reclamaram minha ausência.

E agora, aos Fabianos  
que mesmo sozinhos,  
sem identidade  
fazem parte da minha história,  
razão pela qual,  
cheguei à realização  
de mais esta conquista  
em minha vida,  
a conclusão do meu tão sonhado,  
esperado curso de Mestrado.

Obrigada Fabiano,

Obrigada Graciliano.

“[...] para uns a literatura serve de fonte de informações, para outros para relocar o homem no centro das preocupações, ou ainda para criticar o status quo por uma melhor justiça social” (BROSSEAU, 1996, P. 50)

## RESUMO

Esta dissertação objetivou analisar a relação homem/natureza por intermédio da obra 'Vidas Secas', de Graciliano Ramos, realçando a influência do espaço de vida e da força da paisagem nordestina no espírito, na atitude e conduta de suas personagens. Para tanto, foi necessário balizar o contexto histórico em que a obra foi produzida para entender as representações de poder que atingem as personagens, numa alusão ao período ditatorial do Estado Novo, comandado por Getúlio Vargas. Neste, a visão da Região Nordeste é a de uma região seca, pobre e afastada dos centros de decisão do poder.

A secura dos seres humanos, de poucas palavras, sempre humilhados é retratada nesta história contada na terceira pessoa. Fabiano, na figura do vaqueiro, judeu errante, busca um "entre-lugar", que não está em sua terra natal (o interior do sertão), ou na que está por vir (a cidade), mas numa imensa necessidade de sobrevivência, de ser reconhecido como homem e não bicho-homem.

Da leitura pessoal do romance "Vidas Secas", enriquecida com as proposições de Antonio Candido, Lino Macedo, Nicolau Sevencko, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e Ruy Moreira buscou-se ampliar o diálogo entre Literatura e Geografia, como uma contribuição para o ensino básico desses componentes curriculares. Buscou-se, portanto, uma análise do espaço literário e geográfico na obra em questão, como a própria expressão do real vivido e não simplesmente uma descrição imaginária, uma transformação da realidade em ficção.

**Palavras-chave:** Sertanejo, Graciliano Ramos, romance, Literatura, Geografia.

## ABSTRACT

This essay had the goal to analyse the relation between man/nature through the masterpiece “Vidas Secas”, by Graciliano Ramos, giving emphasis to the influence of the space of life and strength of nordestino scenery in the spirit, attitude and behavior of his characters. For this, it was necessary to define the historic context in which the masterpiece was made to understand the representations of the power that reach the characters in a reference to the dictatorial period of “Estado Novo”, ruled by Getúlio Vargas.

In it, the vision of the northern region is of a dry region, poor and far from the center of the power decision.

The drought of the human beings, of few words, always humiliated is portrayed in this story told by a third person. Fabiano, in the cowboy character, nomad jew, search for a “mid-place”, who is not in his hometown ( the inward of sertão), or in the one that is coming (the city), but in a huge need of survival, of being recognized as a man and not as a beast-man.

From a personal reading of the novel “Vidas Secas”, enriched with the propositions of Antonio Candido, Lino Macedo, Nicolau Sevencko, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e Rui Moreira we looked for enlarging the dialog between Literature and Geography, as a contribution to the basic teaching of these curricular components.

We looked for, however, an analyse of the literary and geographic space in the masterpiece itself, as the own expression of the real lived and not only an imaginary description, a transformation of the reality into fiction.

**Keywords:** Country, Graciliano Ramos, romance, Literature, Geography.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPITULO I: SER TÃO... ESPACIALIDADES NA GEOGRAFIA E NA LITERATURA .....	16
1. Sobre Literaturas e Geografias: ver, pensar, representar .....	23
CAPITULO II: TERRITORIALIDADES EM VIDAS SECAS.....	38
1. Graciliano Ramos: por que e para quem escreveu Vidas Secas .....	40
2. Lugares, regiões, territórios.....	43
CAPITULO III: A LITERATURA SOB A LUZ DA GEOGRAFIA.....	58
1. As secas, as regiões e o regional em Vidas Secas.....	65
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83
V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	93

## INTRODUÇÃO

As práticas de representação implicam sempre em posições de onde se fala ou se escreve (Hall, 1996, p.106).

O uso da literatura na geografia não é novo e o contrário também é verdadeiro. A literatura pode conduzir o leitor a lugares mágicos e/ou hostis e desde a infância faz parte da cultura escolar porque é lúdica e produz conhecimento. Entender como a geografia pode iluminar a discussão do romance literário instigou a autora a construir esta pesquisa, motivada pelo fato de ter realizado atividades no ensino fundamental e médio, que integraram as disciplinas de geografia e língua portuguesa/literatura. Foram trabalhos planejados que alimentaram profícuas discussões e produziram bons resultados expressos no rendimento dos alunos.

Com o objetivo de argumentar que um romance é capaz de conter uma análise geográfica do real por ele representado, esta dissertação defende a necessidade de o romance fazer parte do trabalho do professor em atividades disciplinares e interdisciplinares, sendo necessário estimular os alunos à discussão da realidade brasileira em diferentes contextos históricos e sócio-espaciais.

Nesta dissertação, a Geografia foi compreendida como uma prática e um discurso, enriquecidos na interface de linhas de pensamento da Geografia e da literatura, a partir da leitura e interpretação da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que revela ao leitor o realismo do retirante nordestino na primeira década do Estado Novo. A ausência sobressai-se no conjunto, demonstrada na vegetação rala, na fala lacônica da personagem central, na falta de comida, entre outras características que serão tratadas no corpo do trabalho.

Considerando-se que a autora é graduada em Letras e não em Geografia, não se partiu de uma “teoria geográfica” como prioridade na leitura da obra literária. No entanto, estão presentes nessa discussão, tanto teorias como temas tratados pela geografia no final do século XX e XXI, nas visões de autores clássicos e contemporâneos.

A leitura e interpretação de *Vidas Secas* permitiram fazer um recorte das espacialidades e territorialidades da obra - espaço território, região, lugar, ambiente - sob a luz de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Y Fu Tuan, Rui Moreira, Lobato Corrêa, Julio Suzuki, entre outros geógrafos, e de historiadores e literatos, igualmente renomados, como Antonio Candido, Alfredo Bosi e Nicolau Sevencko.

Considerando-se a vida e a obra do renomado escritor Graciliano Ramos, o tema político da obra em questão contribui para o entendimento das relações de poder influenciadoras do relacionamento dos homens com o espaço e com os outros homens, espaço dividido por profundas desigualdades entre dominadores e explorados.

Mas, como é sabido, o interesse em discutir o espaço pensado e o real pressupõe a análise do espaço físico numa narrativa ficcional, uma vez que a Literatura nada mais é do que uma representação do real, que por meio do domínio da linguagem, do discurso, constrói um texto. Este, como adverte a epígrafe, traz implicações.

No ambiente escolar como no acadêmico é possível construir diferentes textos a partir da discussão da obra, privilegiando as correntes de pensamento geográfico e literário adotadas pelo professor. É possível, por exemplo, prender-se à descrição da paisagem. Monbeig em seus artigos da década de 1940 afirmava que a descrição da paisagem era um campo comum entre a literatura e a geografia.

A Geografia Crítica e a Geografia Humanista, mais conhecidas na escola brasileira a partir da década de 1980, também oferecem outras possibilidades de construção de textos, integrando geografia e literatura. A linha de base materialista, da Geografia Crítica denuncia e analisa as contradições e desigualdades das sociedades que ocupam o extenso território brasileiro, sendo bastante apropriada para a análise de romances modernistas / realistas do regionalismo brasileiro.

Os trabalhos na linha da Geografia de base fenomenológica centrada nas relações com o lugar levam o aluno a pensar o espaço e o lugar a partir de seu cotidiano e de sua percepção em relação ao mundo vivido.

Um dos primeiros geógrafos a retomar o diálogo da Geografia com a Literatura foi Yi-Fu Tuan. Ao tratar o espaço como lugar de vínculo afetivo e território como área de domínio e poder defendeu que não há paisagem, lugar ou território: é a emoção com que o homem se relaciona com uma escala do espaço que faz dele um lugar humano, individualizado por sentidos positivos de pertencimento, proteção, segurança; ou um território como uma área com fronteiras, marcada pelo sentimento de posse e de preservação e defesa do ponto de vista das comunidades das fazendas, ou do ponto de vista dos caçadores e coletores, como uma rede de caminhos e lugares sem fronteiras que se cruzam com a de outros caçadores. (TUAN, 1976)

Já em relação à Literatura, a importância estaria em transcrever as experiências concretas que o autor tem com o lugar, sendo vista assim como resultado de percepção do qual guardará o vestígio. Sem se esquecer de que o romance irá dar conta não apenas dos aspectos objetivos da realidade, mas também de sua subjetividade.

Percebe-se que a literatura, ao abordar os temas espaço, lugar, natureza e ambiente, ela apresenta o mundo como ele é percebido pelo homem ao desenrolar toda a trama de um romance; habitar o espaço artístico de um escritor e dar a ele limites estreitos de um espaço geográfico foi tema de análise de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro em seu livro, O mapa e a

trama (2002). Ele define a trama como a condição humana e esta, pertencendo aos espaços social, político, econômico, cultural, projeta-se num palco aparentemente estático: o mapa, contexto onde se desenvolve a ação, toda a trama criada pelo escritor. Segundo ele,

O próprio sustentáculo dessa concepção aparentemente estranha (ou anticientífica), advinda daquilo que se atribui à 'revelação literária' é a natureza holística identificável quando a literatura atinge foros de 'universalidade', ou seja, quando ela transcende a um caso particular, de uma dada região-fisicamente varia – para falar da 'condição humana' – basicamente uma. (MONTEIRO, 2002:15)

Acredita-se que a literatura, por ser uma representação do real, assume a função de formar o homem, exprimindo realidades que a ideologia dominante tenta esconder. Por exemplo, como a dos retirantes e Fabianos de um nordeste miserável, desolador das décadas de 30 e 40 em que o espaço é um caminho, ao longo do qual o homem vai efetuando pausas ou paradas, que as tornam lugares, cada um com uma significância ligada a uma qualidade de *emoção* e de *pertencimento*, conforme Tuan (1976). E, a partir dessas imagens, derivam o espaço ilimitado (aberto) e o lugar restrito (fechado, delimitado).

Homem este que como Fabiano se sente parte do espaço e se apega a ele por mais miserável que seja, embora a dificuldade da vida o endureça a ponto de abandonar a embarcação para não morrer afogado. Assim como o "capitão" Fabiano ao abandonar o espaço para que não morra de sede, nem de fome, permite que ele seja apenas parte de suas memórias pelas imagens formadas do que foi e do que poderia ter sido, como mostra o fragmento de *Vidas Secas*, a seguir:

A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela, preparava-a lentamente, adiara-a e tornara a prepará-la, e só resolvera a partir de quando estava definitivamente perdido [...] Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: O chiqueiro e o curral que precisavam de conserto, o cavalo de

fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as  
painéis de barro, as pedras da cozinha, a cama de varas [...] Seria necessário largar tudo? (RAMOS, p.117)

Visando-se correlacionar as contribuições de teoria e método dos autores citados, esta dissertação se estruturou em três capítulos, que registraram o caminho percorrido para analisar e interpretar a representação do espaço geográfico do sertão do nordeste no discurso do romance Gracilianista, *Vidas Secas*.

Assim no primeiro capítulo foram apresentados argumentos para realçar que o espaço na literatura é ficcional e a literatura no espaço corresponde ao espaço histórico real, de modo que se explore o duplo sentido do espaço, meio e objeto na construção do sentido do texto e considerações sobre essa transposição didática.

No segundo capítulo foram correlacionados os recortes espaciais possíveis, a partir da contextualização do autor e da obra, para caminhar no sentido de destacar como a literatura pode ser enriquecida com a interdisciplinaridade, neste caso pela ciência geográfica na discussão das territorialidades mostradas em *Vidas Secas*.

No terceiro capítulo foram consideradas possibilidades de intersecção entre o todo histórico – as formações socioespaciais – e o singular existencial mediado pelo espaço – e por suas dimensões, pressupondo-se que tal encontro produza uma espécie de estranhamento ao conhecimento hegemonicamente estabelecido e aceito, deslocando do conhecimento o sentido fixo dos conceitos para compor outras significações e categorias analíticas. Com isso, a análise geográfica deixará de utilizar, instrumentalizar a literatura apenas como ilustração e documentário da realidade, passando o/a geógrafo/a a assumir o papel de narrador atravessado por toda a subjetividade que esse lugar (o sertão) pressupõe. Lugar esse, não necessariamente,

romântico nem belo, porém cheio de segregações, medos, fantasias, enfim, de existência.

A proposta, em suma, é de uma abordagem geográfica que aborde os problemas do mundo atual, aproximando Geografia e Literatura, para que se funde um encontro de ambas por meio do diálogo da natureza com o ser humano, pela via da espacialidade, captando as densidades espaciais das situações, dos eventos e das tramas sociais. Assim, a pessoa humana confirma sua existência ao espacializar sua experiência, ao eleger/situar seu estar em algum lugar do mundo e nele dizer seu nome como se fosse uma vida entrelaçada.

# CAPITULO I:

SER TÃO...

ESPACIALIDADES NA  
GEOGRAFIA E NA LITERATURA

## CAPÍTULO I

### SER TÃO... ESPACIALIDADES NA GEOGRAFIA E NA LITERATURA

*É verdade que a fronteira, ao separar dois territórios, só tem um defeito, embora de larga envergadura: ela simboliza que eles são da mesma estofa, se assim posso dizer. Em todo caso, para aquele que a cruzar.*

*Lacan, Litura terra.*

Nesse capítulo, pretendeu-se discutir o conceito de espaço sob a perspectiva de teóricos conceituados na geografia e na literatura, para que interdisciplinarmente, o letramento<sup>1</sup> aconteça por meio das linguagens (científicas e de ficção) como ferramentas de comunicação e de entendimento do mundo.

Ao mediar o real e o texto literário por meio da Geografia e da Literatura, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, já dizia que:

a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa a 'condição humana'. A sua comunicação, o seu 'tomar vida', requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um 'palco' – praticável, concreto – em que qualquer trama 'humana' está envolta nas malhas de diferentes espaços

---

<sup>1</sup> Letramento: proveio da palavra literacy da língua inglesa. Literacy vem do latim littera que quer dizer letra, mais o sufixo cy que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Portanto, literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Está subentendido que a escrita traz consequências sociais, culturais políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas. Nessa perspectiva, letramento é estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da leitura e da escrita. (SOARES, Magda – 2003. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, p.128)

relacionais: social, político, econômico, cultural enfim. Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia – Literatura partindo desse valioso subsídio, acho que toda a urdidura complexa da ação romanesca – a ‘trama’ – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o ‘mapa’ – percebida pelo geógrafo. (MONTEIRO, 2002:24-25)

Embora se reconheça a importância da afirmação de Monteiro, o caminho adotado para se estabelecer relação entre a Geografia e a Literatura, fugiu um pouco da prática comum dos geógrafos, pois além de se discutir o “espaço” presente no romance, outros elementos constitutivos da narrativa também foram valorizados como: foco narrativo, tempo, discurso, entendendo-se que não há como separar o espaço do desenvolvimento do enredo e da construção dos sentidos.

As palavras do geógrafo Antônio C. R. Moraes, ilustram a estreita relação da geografia com a literatura, na dimensão do que ele mesmo denomina “pensamento geográfico” ao afirmar:

Por pensamento geográfico entende-se um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e as relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. Nesse entendimento, os temas geográficos distribuem-se pelos variados quadrantes do universo da cultura. Eles imergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. (...) os discursos geográficos, engatam-se com algumas problemáticas centrais postas na prática social no mundo. (MORAES, 1988, p.32-33)

Se, para Moraes, o discurso geográfico pode imergir na literatura, em outra passagem de seu texto ele afirma que, de modo geral, muitas destas discussões não se realizam apenas em obras geográficas, mas é por meio de tais discussões que a geografia material do planeta vai sendo desenhada.

No que tange ao espaço, categoria central da geografia, pode-se dizer que ele está presente na literatura de diferentes formas.

Osman Lins ressalta que o espaço possui várias funções na narrativa, tais como: caracterizar a personagem por meio dos objetos dispostos ou conservados, bem como por outros elementos exteriores à personagem (bairro ou situação geográfica – indicados ou insinuados), mas, em alguns casos, apenas de modo psicológico; receber a projeção da personagem, às vezes, de maneira subjetiva, mas como um estado de espírito, propiciar ou provocar a ação da personagem, situá-la em relação à ação cumprida.

Lins considera ainda que o espaço, no romance, tem sido entendido como:

(...) tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero. (LINS, 1976:72)

Osman Lins difere de Massaud Moisés quanto à compreensão do espaço, para quem, no “romance linear (o romântico, o realista, o moderno), o cenário tende a funcionar como pano de fundo, ou seja, estático, fora das personagens, descrito como um universo de seres inanimados e opacos.” (idem)

A noção de espaço incorpora a possibilidade de materialização da ação humana, mas não se confunde com o homem ou com a sociedade. Tanto que, em uma das perspectivas teórico-metodológicas da Geografia, com base no materialismo histórico e dialético, o seu objeto é a relação entre espaço e sociedade, que na obra analisada aparece de forma mais nítida, ora como a relação homem/natureza, ora possibilitando uma visão mais geral de homem/homem mais forte que a relação homem/natureza: o espaço é meio, condição e produto da ação humana, mas não se confunde com os homens ou com a sociedade.

Daí a necessidade de ampliação de uma leitura mais teórica e metodológica das possibilidades de estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura, dependendo do que almeja o autor. Em certos textos, como alertou Moisés, a condição espacial tem sido abstraída e diluída no processo lírico ou narrativo, como simples condição passiva da ação ou da expressão; e, em outros textos, o componente espacial torna-se de fato essencial na construção, vista ao primeiro plano, conforme disse Antônio Dimas:

[...] Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura, etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância tornar-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante!, é a de ir-se descobrindo-lhe a funcionalidade e organicidade, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo. (DIMAS, 1985, p.05)

Já a proposta de Brosseau (1996) é de uma compreensão dos espaços e dos lugares no texto, de forma não estandardizada, mas a partir do método do diálogo, de maneira que o romance não seja tratado como objeto e sim outro sujeito, visto que um diálogo só pode ocorrer entre dois sujeitos.

Assim, Brosseau argumentou que o método dialógico procura evitar a crença na capacidade da ciência exprimir em suas palavras aquilo que o romance diz (escreve).

O diálogo é somente outra estratégia que permite ao geógrafo entrar em contato com o romance, interrogar sua própria

relação com a linguagem e a escrita graças a um encontro com este outro sem buscar assimilá-lo. Colocar o romance como sujeito, como totalidade, não significa nada além de dizer que ele nos é impermeável, embora haja uma maneira própria (e esta pode ser verdadeira para cada romance particular) de produzir sentido, uma coerência de sentidos, que resiste aos mais sutis esforços do analista em transformá-lo em objeto (BROSSEAU,1996, p.60-61).

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, ao analisar o espaço explorado em *Vidas Secas*, observou a condição de vida e a situação através da história, a fim de que o leitor se aproprie da idéia de que a literatura não substitui a história ou a geografia, mas complementa o sentido do que mostra a realidade.

Não se quer dizer com isso que a criação literária substitua o que a geografia pretende ter de composição científica, mas ela, sem dúvida, enriquece e completa a 'realidade' procurada pelo geógrafo. Os bons escritores, como testemunho do seu tempo captam 'eventos', retratando aspectos da condição humana que tiveram 'lugar'. Esta semântica de ocorrer demonstra bem, pela vinculação tempo-espaço – que toda esta dinâmica da condição humana não dispensa a ligação fundamental com o lugar de seu acontecer (MONTEIRO, 2002, p.86).

A partir de Monteiro compreende-se que o contexto de consumo consiste no receptor (leitor) que irá receber aquela leitura e confrontá-la com as concepções que possui pela imagem espacial, conforme suas experiências e vivências, construindo assim o seu próprio texto geográfico; afinal, não há como se estabelecer uma correspondência exata entre a paisagem real e o romance, uma vez que o romance é uma representação do real. Mas, para Henriques:

é uma verdade parcial porque sendo produzida necessariamente por um autor se encontra sempre afetada pelas prioridades que definem o seu ponto de vista e pelo

quadro contextual em que esse mesmo autor está inserido, isto significa dizer que as representações partem não só do campo de referência extratextual, ou seja, dos dados do mundo real, mas também de um campo de referência intertextual que no fundo diz respeito ao contexto produzido por outros textos. (HENRIQUES, 1996, p.51)

Na perspectiva do método marxista “o espaço é fundamentalmente social e histórico, evolui no quadro diferenciado das sociedades e em relação com as forças externas, de onde mais frequentemente lhes provém os impulsos” (Santos, 1979:p.10).

Por sua formação e ideologia, Graciliano Ramos, em seu romance “Vidas Secas”, com o discurso literário constrói concepções da real relação homem –natureza, no sertão semi-árido de forma a desmitificar a idéia de que a seca, como fenômeno natural, era responsável pelo atrasado sertão. A Literatura amplia a percepção do mundo e enriquece o ensino de outras disciplinas escolares, sendo instrumento útil no processo de construção do conhecimento acerca de espaço, território, região e paisagem e a capacidade de percepção do cidadão.

Segundo Antonio Cândido (1992), este encontro do fim com o começo forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados-retirantes, mostrando que a poderosa visão social de Graciliano Ramos neste livro não depende do fato de ele ter feito romance regional ou romance proletário, mas do fato de ter sabido criar em todos os níveis, desde o pormenor do discurso até o desenho geral da composição, os modos literários de mostrar a visão dramática de um mundo opressivo.

Ainda com base na análise de Candido, o narrador não se identifica com o personagem, e por isso há na sua voz certa objetividade de relator, uma narração na terceira pessoa. Mas, ele também quis fazer as vezes do personagem, de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele. É como se o narrador fosse alguém que institui a humanidade de seres que a

sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade; a animalidade reage e penetra pelo universo reservado ao adulto civilizado. (CANDIDO, 1992)

O narrador conduz os personagens ao local que representa, para uma corrente do pensamento social brasileiro, o lócus da produção e da reprodução das relações sociais que frearam durante séculos a modernização e a integração social no país, bem como o responsável pela situação dispensável dos “homens livres” : o latifúndio (Franco,1983).

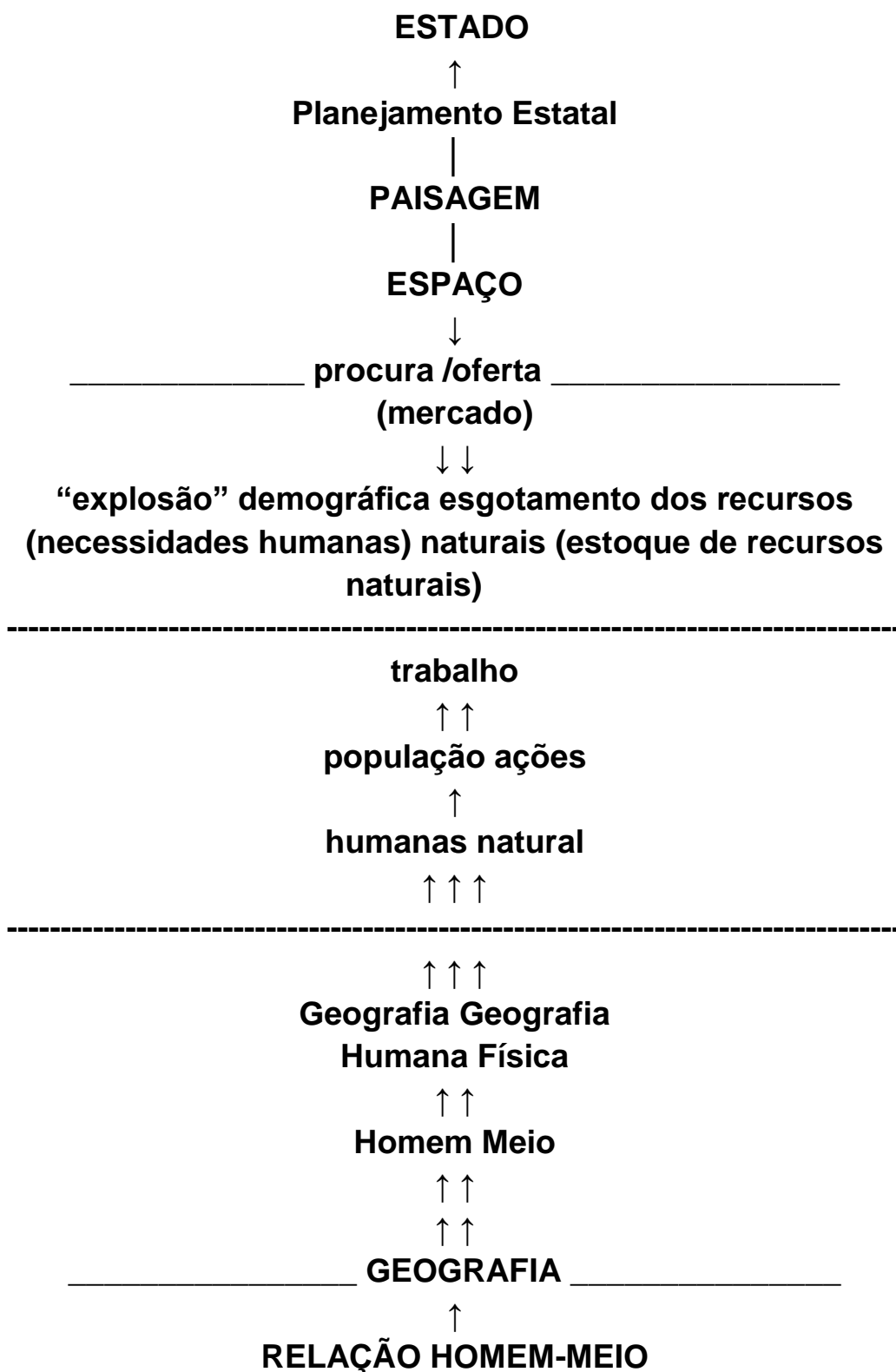
O espaço ficcional foi descrito com base no real.

#### 1. Sobre Literaturas e Geografias: Ver, Pensar, representar

Ora, ver e pensar de certa forma resumem o processo do método em geografia, o qual consiste em passar da descrição do visível da paisagem (o plano do sensível na geografia) à compreensão da estrutura invisível do espaço (o plano do inteligível), o que só vem com a intervenção estruturadora do conceito (Moreira, 1982)

É próprio de toda forma de representação ver e pensar de diferentes modos. A geografia não foge à regra, por isso existem dois exemplos que podem ser vistos como aqueles que ilustram distintamente a representação devido às variadas maneiras de conceber cada uma das três categorias e destacar que juntas produzirão a idéia e o conhecimento do mundo. Observe o esquema (Fig. 1) que representa o modo de ver e pensar clássico:

Figura 1 – Esquema do pensamento geográfico clássico



A decorrência disso é a ideia de que há uma estrutura invariável de sociedade: seja qual for seu tempo e espaço, a sociedade é sempre uma estrutura N (natureza)- H (homem) – E (espaço), algumas vezes H-E-N e outras E- H- N, independente do seu modo de produção, uma vez que a organização geográfica se mantém.

É a categoria que faz a relação e não a relação que faz a categoria! No caso da geografia escolar, não é possível se prender sempre a uma mesma sequência de capítulos de textos escolares, para que não se reduza a aprendizagem do conteúdo à posição geográfica e astronômica, relevo, geologia, clima, hidrografia, vegetação, população, agricultura, indústria, cidades, transportes, comércio, mas sim a análise das formas como as sociedades geograficamente estão organizadas (Moreira, 1987).

Este esquema pode ser ilustrado pelo capítulo Contas que apresenta a condição de Fabiano como não-proprietário dos meios de produção. Somente meia dúzia de pés de feijão e milho não satisfazia suas necessidades básicas e por isso era obrigado a recorrer ao bolso do patrão e com isso os bezerros e as cabras a que tinha direito na hora da partilha iam, pouco a pouco, sendo marcados pelo ferro do latifundiário. No acerto de contas, nada lhe restava e nervoso pensava em abandonar a fazenda e seu proprietário, mas ao lembrar da seca e das dificuldades vividas antes de chegar ali, faziam-no desistir. Afinal, a imobilidade de Fabiano era necessária à contínua reprodução dos elementos sociais que mantêm o latifúndio. Sem a constante exploração da mão-de-obra de sua categoria os latifúndios não existiriam mais. Pode-se ilustrar isso com a narração da página 24:

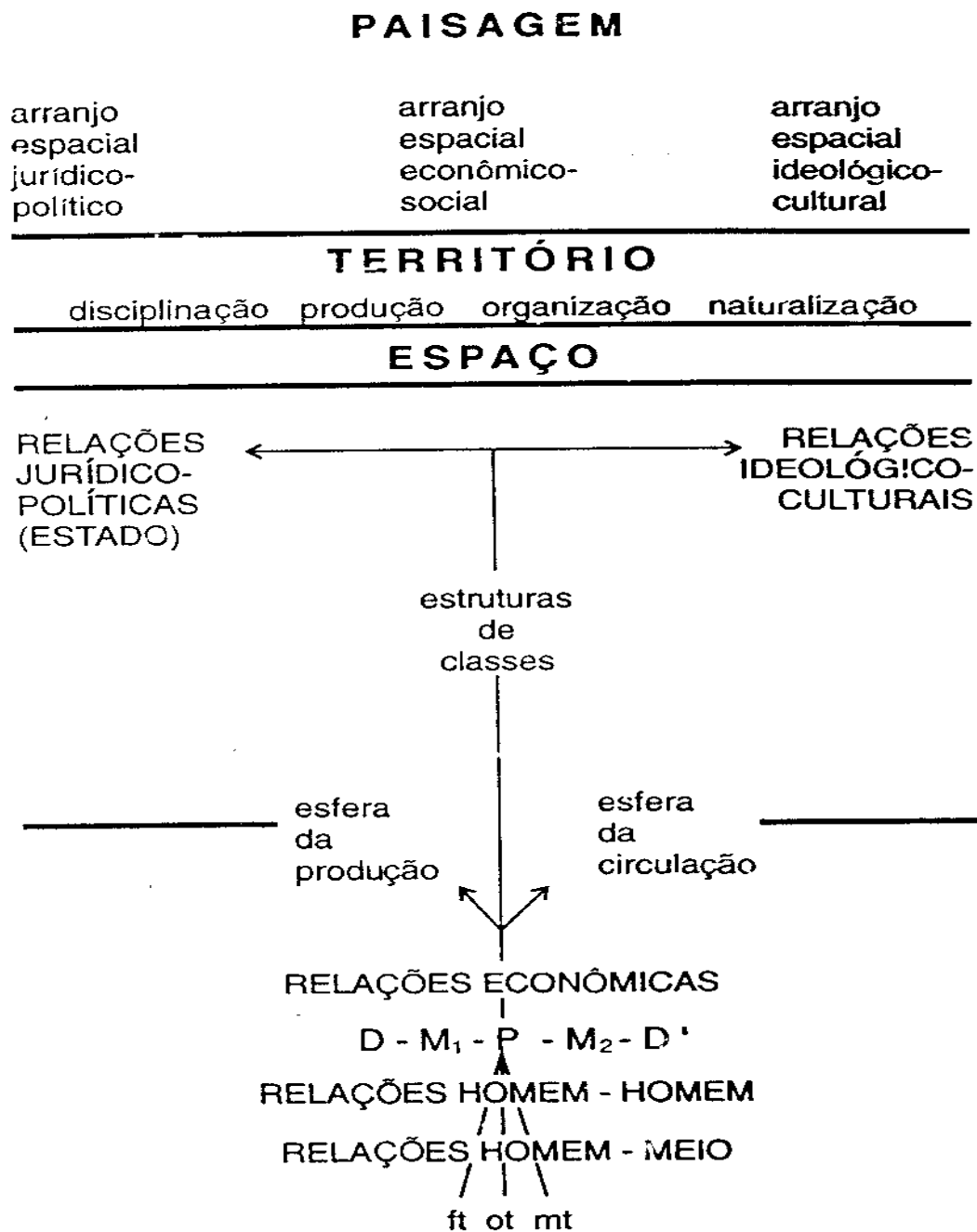
*O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo*

*em ordem e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?*

O modo histórico-materialista de analisar o espaço traz mais luzes à questão. A orientação marxista representa os fenômenos concebidos dialeticamente em pares analisando a sociedade como aquela que tem sua forma própria de organizar seu espaço.

A do esquema seguinte (Fig. 2) é a representação de uma sociedade capitalista, cuja teoria do espaço tem muito de sua economia política, o que só se evita, tendo-se sempre presente o caráter das categorias de análise geográfica para o problema da transcodificação entre visto (imagem) e dito (fala), dada à importância que o conceito tem nesse esquema de representação.

Figura 2 – Esquema de uma sociedade capitalista



O esquema anterior lido no sentido da paisagem (visível) para a estrutura mais íntima (invisível) na obra de Graciliano Ramos subdivide-se em a, b, c, d, e:

a) a observação atenta do arranjo mostra a paisagem formada de distintos objetos espaciais: a igreja, a escola, a delegacia, o fórum, a prefeitura, a loja, a fazenda etc.

b) os objetos espaciais são distintos, pois os conteúdos se encerram neles mesmos e por se entrecruzarem dentro do arranjo: relações ideológicas e culturais (a igreja, a escola), relações jurídicas e políticas ( a delegacia, o fórum, a prefeitura), relações econômicas ( a loja, a fazenda).

No capítulo Cadeia, na pág.31, o narrador descreve em um parágrafo a vida cotidiana da cidadezinha do interior enfatizando as autoridades locais alheias ao desafio que o “soldado amarelo” havia feito a Fabiano que era jogar um trinta-e-um na bodega de seu Inácio e à desavença que faiscaria depois debaixo do juazeiro:

*A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação trepando numa escada acendia os lampiões. A estrela papaceia branqueou por cima da torre da igreja; o Doutor Juiz de Direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibo debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de fruta; seu Vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; Sinhá Rita Louceira retirou-se.*

Na praça, todos os representantes das autoridades legítimas de uma cidadezinha do interior do Brasil. O Juiz de Direito representando o poder legal, a dimensão jurídica; o cobrador da prefeitura e seus talões de cobrança a dívida dos trabalhadores rurais (ordem econômica); o seu Vigário, a Igreja que no Brasil demorou (ou demora?) a se desvincular do poder dos grandes proprietários de terra; polícia na figura do “soldado amarelo” e seu destacamento. Com todas as autoridades ali presentes, quem daria crédito às parcas e confusas palavras de um miserável? Ninguém. E assim aconteceu. Fabiano, sem motivo razoável, foi surrado em praça pública e depois atirado, com um safanão, “nas profundezas do cárcere”.

Fabiano vê com estranheza a personificação do Estado no “soldado amarelo”, mas como também não consegue distingui-los, restringe-se ao estranhamento e ao vago desejo de um governo justo, abstrato, perfeito (e distante). No entanto, está inserido na dura realidade agrária brasileira na qual o Estado, não tão distante quanto imagina, é dominado pelas relações pessoais e pelo clientelismo. A violência, marcada em seu corpo a golpes de facão, é exercida por este Estado viciado em que se embaralham o poder público e o privado, a autoridade e a pessoa, o governo e o mando.

Na página 35, é possível observar isso:

*E, por mais que forcejasse, não se convenciu de que o soldado amarelo fosse Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.*

Na continuidade da leitura do esquema gráfico anterior, dos itens a e b, outra consideração merece ser levada em conta:

c) os respectivos conteúdos analisados são mediações na estrutura e hierarquia dessas relações no arranjo: as relações econômicas de produção (a fábrica, a loja ou a fazenda) e de circulação (o mercado, as empresas de transporte, os meios de comunicação ou de transmissão de energia), formando a infra-estrutura, sobre a qual se superpõem como relações de controle as relações da superestrutura, naturalizando (relação ideológico-cultural), disciplinarizando (relação jurídica) e consensualizando (relação política) as tensões (de classes, ambientais etc) da infra-estrutura.

d) a análise das tensões leva a perceber em cada forma de objeto espacial – a fábrica e a fazenda são dois exemplos clássicos – uma separação dos homens em proprietários e não proprietários do objeto espacial e seus elementos. No capítulo Contas, as relações de poder no latifúndio eram tão violentas que Fabiano se compara à engrenagem de um engenho.

O latifúndio, mantém a estrutura das relações de exploração em um nível próximo do humanamente insuportável, reproduzindo homens e mulheres da mesma forma que reproduz animais, isto é, tentando tirar-lhes a capacidade de serem sociais que refletem sobre a objetividade e procuram respostas para seus males. Para manter essa situação é necessário o constante uso da força, por isso o braço armado do latifúndio e um nível de violência desmedida são fundamentais, tornando quaisquer reações um risco de vida (Magalhães, 2001:84).

Essa submissão ao poder do fazendeiro permite ao sitiante uma visão parcelada da realidade social, o que o impede de se integrar e de participar conscientemente da vida pública. Como já dizia Franco (1983:83), a dominação pessoal concede a ele ver “apenas os segmentos iluminados pela vontade dominadora”.

e) dessa percepção tira-se a explicação da origem do caráter conflitivo e dicotômico da relação homem-meio/homem-espaço existente na organização espacial dessa sociedade anti-oligárquico de Getúlio Vargas, seguido da ditadura do “Estado Novo”, de 1937 – 1945, uma vez que o livro “Vidas Secas” foi publicado em 1938, nesse tumultuado cenário político brasileiro.

No sertão, quem não tem não pode falar. Quem é expropriado dos meios de produção, mas não de seu uso, tem que calar, tem que ter coragem pra suportar ou então fugir.

O espaço público é privatizado pelos latifundiários com o intuito de se utilizarem dos instrumentos públicos para permanecerem no poder através das relações de favor existentes entre eles e seus dominados.

A manutenção desse ordenamento social representa a reprodução do mesmo (Vianna, 1952). Para o autor, a função simplificadora do latifúndio, somada à conformação de uma mão-de-obra escrava produtora de

mercadorias para o mercado externo, foi o elo necessário à configuração da permanente não-fixidez das classes proletárias rurais. O grande domínio territorial e sua independência econômica em relação ao meio urbano produziram a simplificação e a precariedade a que foram relegados os centros urbanos até o início do séc. XX.

Além disso, segundo este autor, determinou a inexistência de classes comerciais, indústrias e, ainda, de corporações urbanas, na medida em que “na amplíssima área de latifúndios agrícolas, só os grandes domínios como que focos solares: vilas, indústria, comércio, tudo se ofusca diante de sua claridade poderosa” (Vianna, 1952:181).

Esse é o destino de Fabiano e de seu pequeno grupo. Deixar a fazenda que estava morrendo ao se sentir expropriado e roubado pelo patrão, além de pressentir a chegada da seca.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se no mundo, como negro fugido (p.123).

E assim, fecha-se o ciclo das vidas secas que perambulam pelo sertão em busca de destino certo. Fabiano, em sua nova andança, discute com a mulher, as possibilidades de se agarrarem a outra terra “*uma grande cidade, cheia de pessoas fortes*. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velinhos acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela (p. 134).

Mas, efetuada a leitura no sentido inverso, da essência revelada de volta para a aparência mais epidérmica da paisagem observa-se a, b, c, d, e, f, g, h:

a) a relação de intercâmbio homem-meio, na qual as forças produtivas (ft= força de trabalho, ot=objeto do trabalho e mt= meio do trabalho) se articulam ao redor da tarefa de transformar a natureza de valor-de-uso em meios de produção e mercadoria.

b) a relação de propriedade separa a ft (o homem com sua energia física e intelectual de trabalho) e os mp (meios de produção, isto é, objetos e meios de trabalho) em duas formas distintas de propriedade e proprietários, separando os homens entre si em donos da ft e donos do conjunto dos mp e assim definindo a relação homem-homem.

c) a relação de compra e venda se interpõe então entre os proprietários unificando as forças produtivas a favor de um dos lados e determinando nessa mediação o conteúdo da relação homem-meio.

d) as relações homem-homem e homem-meio se enchem do antagonismo social presente na relação de propriedade das forças produtivas, tensionando social e ambientalmente a organização da sociedade pela base.

e) a finalidade mercantil força o processo econômico a dividir o espaço em duas esferas distintas e combinadas: a esfera da produção (representada na paisagem pela fábrica, pela mina e pela fazenda) e a esfera da circulação (representada na paisagem pelas lojas de comércio, vias de transportes, meios de comunicação e redes de transmissão de energia) integrando-as pela fórmula D-M1-P-M2-D'.

f) ao tempo a fórmula D-M1-P-M2 D' organiza-o como um movimento em ciclos do capital – em que D= capital dinheiro; M1= mercadorias, força, objeto e meios de trabalho; P= processo da transformação dessas formas velhas em formas novas de mercadorias; M2= mercadoria a ser posta à venda no mercado; D'= o capital dinheiro retornado em escala ampliada pela venda de mercadorias dois com o acréscimo do lucro -, sob o comando da lei da reprodução ampliada.

g) as relações superestruturais atuam com a finalidade de naturalizar (relações ideológico-culturais), disciplinarizar (relações jurídicas) e consensualizar (relações políticas) as relações da infra-estrutura no nível das representações, evitando assim que a tensão de base se generalize pela totalidade das relações da sociedade.

h) As relações de infra-estrutura e superestrutura que formam e dão vida ao arranjo e à fisionomia dos objetos da paisagem.

Esse movimento de ir do visível para o invisível e do invisível para o visível é o dialético da intelecção no curso do qual a paisagem se torna o concreto-pensado. No caminho da ida, as relações são lidas da paisagem para as relações estruturais mais íntimas e a partir da observação da localização e distribuição dos objetos espaciais que compõem a paisagem, a busca do conhecimento das conexões levam ao conhecimento da estrutura. No de volta, retorna-se à paisagem para clarificá-la como um conteúdo estrutural conhecido e que esclarece e elucida o caráter de cada um dos objetos que a compõem e foram localizados no início.

O segundo esquema de representação geográfica difere do primeiro por ser aquele que rompe com a estrutura do N-H-E; faz da relação homem-meio uma troca metabólica, em que homem e natureza intercambiam matéria e energia, numa geografia que não se separa física e humana; tem um caráter ontológico, fazendo da representação um discurso do estar-e-ser do homem no mundo via o espaço e o conceito de trabalho, o qual conduz as relações e costura todo o fluxo do pensamento.

Os dois esquemas têm em comum as categorias-chave da geografia: espaço, território e paisagem, sendo que o eixo epistemológico é a relação homem-meio, desde que se estruture na forma combinada da paisagem, do território e do espaço. Já do ponto de vista da representação, tudo começa na categoria da paisagem, mas se explicita na categoria do espaço mediada na categoria do território, ou melhor, vai do espaço para o território e chega-se à

paisagem e depois o inverso: vai da paisagem ao território e por meio deste chega-se ao espaço.

Os princípios lógicos da geografia clássica por serem os da localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala, os antigos acreditavam que toda e qualquer representação geográfica, análise da relação homem-meio/homem-espaço deveria ser baseada em localizar, distribuir, conectar, distar, delimitar e escalarizar as relações na paisagem e transportá-las para o mapa. Portanto, esse trabalho se propõe a visitar os lugares responsáveis pela formação do mundo vivo dessa disciplina e, sem dúvida, a escola por mantê-los e praticá-los precisa resgatar criticamente esse passado para que não se tenha uma geografia com forma e sem conteúdo, mas sim com conteúdo e sem forma, como a obra analisada em questão.

La Blache. Representando a geografia do princípio do século XX já dizia:

A ideia que domina todo o progresso da Geografia é a da unidade terrestre, a concepção da Terra como um todo, cujas partes estão coordenadas e no qual os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais de que derivam os casos particulares. (1954:30).

O trabalho de pesquisa deu base para abordar a questão da identidade espacial das personagens do livro: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Para tanto, é necessário que se tenha algumas definições dos estudiosos a respeito de ambientalização, que é antes de tudo uma práxis, afinal nenhum homem se enraíza cultural e territorialmente no mundo pela pura contemplação, mas pela experiência da diversidade que faz o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo como mundo-do-homem.

Este ato de pertença é visível na obra quando as personagens Fabiano, sinhá Vitória e seus dois filhos identificam-se com o meio (sertão) e ao migrarem para novas terras em busca de melhores condições de vida, primeiramente, sentem-se desidentificados, desambientalizados e só quando se familiarizam com as casas, o arruamento, o fluxo do trânsito, um detalhe da paisagem, sua localização e distribuição, como referências de espaço, é que se

sentem enraizados no novo ambiente, nem que seja somente um sonho de estabelecer vínculos com a terra:

la chover. Bem. A caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda verde [...]. A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo (RAMOS, pp. 15 – 17).

*De fato, a fazenda renasceu com a chuva. O fazendeiro apareceu e depois de tentar se desfazer do “pobre coitado” acabou aceitando-o como empregado. Fabiano ao tomar consciência de que não tinha onde cair morto e de que seu destino era viver em terras alheias*

*entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu, errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tornava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite (p.20).*

Em 1954, La Blache já mostrou como este processo está na origem da constituição do homem, desde as “áreas laboratórios”, quando pela domesticação e a seguir pela aclimação, o homem vai modificando a natureza e modificando-se a si mesmo. Assim como o espaço se clarifica como um campo simbólico com toda a sua riqueza de significados (Lefebvre, 1983). Um significado que só pode ser para o homem. Enquanto isto não acontece, a relação homem-espaço-mundo é uma duplicidade do de dentro e do de fora, até que a troca metabólica funde o homem e o mundo num mundo-do-homem (Moreira, 2004b e 2004c).

Se o foco do olhar estiver na localização, ou melhor, naquilo que é fixo e não fluxo, dizia Brunhes que era impossível ensinar que o espaço é uma alternância de cheios e vazios e que a distribuição é re-distribuição, pois segundo ele cheios e vazios trocam de posição entre si no andar do tempo, de modo que o que hoje é vazio, amanhã é cheio e vice-versa.

Significa, portanto, priorizar o olhar da distribuição, quando temos priorizado o olhar da localização, além de apreender que a dinâmica da re-distribuição só é possível com foco no aspecto dinâmico da distribuição.

No entanto, o que prevaleceu no fazer geográfico foi localizar, perdendo assim a percepção do movimento da redistribuição da própria localização. Afinal, La Blache já dizia que a geografia é a repetição e a permanência. Contrariamente a Brunhes, que sugere o olhar do espaço como movimento, em que se privilegia a fluidez.

Para Bosi, a obra de Graciliano Ramos estaria enquadrada na categoria de romances de tensão crítica, em que “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas o seu mal-estar permanente”(BOSI, 1994: 392).

Fabiano, o herói de *Vidas Secas*, expressa seus sentimentos diante da natureza e do meio social por meio da brutalidade e do primitivismo, que em alguns momentos, são clareados por críticas iluminadoras ao latifúndio e à seca nordestina, desvendando sua condição de miséria e pobreza, mas ao mesmo tempo o orgulho de sua autonomia a ponto de ser “Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha” (p.20), mas sendo capaz de cantar:

*“Lá no sertão quem tem  
Coragem pra suportar  
Tem que viver pra ter  
Coragem pra suportar  
Ou então  
Vai embora  
Vai pra longe*

*E deixa tudo*

*Tudo que é nada*

*Nada pra viver*

*Nada pra dá*

*Coragem pra suportar”.*

Gilberto Gil, Coragem pra suportar.

# **CAPÍTULO**

## **II**

# **TERRITORIALIDADES**

## **EM**

# **VIDAS SECAS**

## CAPÍTULO II

### TERRITORIALIDADES EM VIDAS SECAS

Neste capítulo foram discutidas as territorialidades presentes em Vidas Secas. A obra constitui uma narrativa em que os valores do espaço parecem, à primeira vista, impor-se sobre os do personagem, levando o leitor a pensar que o homem é produto do meio, nos moldes apregoados pelo Determinismo. No entanto, uma análise mais detalhada traz à tona o desvendamento do Brasil Agrário, do mandonismo local e das agruras dos despossuídos que o autor denunciou no capítulo anterior e o faz também nessas páginas, no estilo modernista/regionalista.

De acordo com Antonio Candido, a escola literária denominada Modernismo vinha acompanhada de transformações sociais e econômicas, provenientes da primeira guerra, cujos resquícios eram de revolta e de sede de mudança. Aspectos que unidos às rebeldias vanguardistas numa relação de intimidade buscavam uma nova face para a arte, numa inquietação jamais vista em outros tempos.

“Não apenas surge uma mentalidade renovadora na educação e nas artes, como se principia a questionar legitimamente o sistema político, dominado pela oligarquia rural”. (CANDIDO, 2001, p.10).

A literatura sempre presta serviço à sociedade no sentido de documentar, registrar, contextualizar o momento histórico, social, econômico e cultural da época em que a obra foi escrita para que os leitores compreendam melhor as falas das personagens.

Pode se observar isso em Vidas Secas quando o retirante conhecido como Fabiano descreve por meio de suas falas a situação de miséria, fome e secura daquela região como nos trechos:

“ ... a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida [...] Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara,

não se ouvia um berro de rês perdida na catinga [...] Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil” (p.11-12).

“As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira, os ferimentos” (p.12).

“Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede”(p.15).

“Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera” (p.23-24).

“Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá” (p.34)

“Agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca” (p.43) .

“Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas” (p.65)

As descrições acima correspondem a uma forma de representação do real, desde que o real não seja considerado um universo material imutável, de fácil decodificação pela sociedade; nem uma imagem do mundo onde cada aspecto do real passa a ser expresso simbolicamente, visto que o texto trata-se de um ato de produção e consumo na relação autor e leitor.

## 1. Graciliano Ramos - Por que e para quem escreveu Vidas Secas

O escritor ao consumir experiências, emoções, linguagem e memória, produz um texto que nada mais é do que fruto de um sistema de escolhas determinado por valores, enquanto o leitor consome um texto (objetivação do escritor) e produz outro, por meio da leitura, procedendo por seleção, ao escolher entre significações e não um significado único.

Bem discorreu Antônio Candido sobre a relação do escritor com o personagem Fabiano, em “ 50 anos de Vidas Secas”:

A voz do literato serve como um alerta, uma reflexão para determinados fatos que estão ocorrendo naquele instante, de modo que as gerações futuras conheçam a história do lugar em que se vive. Na obra em questão, observa-se um grande período da história, um verdadeiro marasmo; o descaso dos representantes políticos a respeito da seca, da falta de água até mesmo para beber e a necessidade desses pais de família abandonar suas casas em busca de uma cidade maior, com outros recursos, maior oferta de empregos, permanecendo vários anos totalmente isolados de suas raízes, sentindo-se assim um estrangeiro dentro de seu próprio país. Ato naquele contexto visto como heroísmo, força, resistência, fazendo-os se sentirem ‘cabras da peste’, homens valentes, que não esmorecem ou fraquejam diante de tais obstáculos.

Homens estes, que sequer perceberam o quanto estavam sendo úteis aos poderosos a fim de manter a concentração do poder nas mãos de poucos e a submissão destes a eles ao se conformarem com a situação vivida, reproduzindo a idéia propagada por esses representantes de que a única forma de resolver a questão da seca era conviver com ela.

Era preciso desmistificá-la como resultado apenas do clima semi-árido, bastante presente na região do Nordeste, especificamente no sertão.

Graciliano Ramos tinha este interesse, pois vivia em tal local e falava com muita propriedade sobre o assunto, não somente o que ouviu, mas o que via e sentia em sua própria pele.

Assim como Graciliano, também Rachel de Queiroz e Euclides da Cunha escreveram obras consideradas regionais. A grande intenção era transmitir nacionalmente as características do meio onde viviam, retratando as experiências, as riquezas e limitações desses povos, a fim de que os personagens desse cenário não perdessem sua identidade, hábitos ou costumes, com o avanço tecnológico, para que hoje muitos “Fabianos” se identifiquem com eles e a partir daí entendam, compreendam as suas origens.

Afinal, trata-se de uma produção literária que retrata com cores fortes, a crise da sociedade brasileira do período, revelando acentuado interesse social, um caráter de universalidade - ao debate só interessam os problemas que transcendem as fronteiras do local/regional - e preocupação política, muitas vezes, como engajamento social do escritor.

No plano discursivo, não houve a preocupação simples e imediata de reproduzir falas, mas sim dar sentido a essas falas, colocando nelas um rosto, um sentimento de amor pelo pedaço de chão, resgatando assim o sofrimento daqueles que viveram na década de 30. Essa temporalidade é marcada pelas características de um Brasil agrário, com predominância dos grandes proprietários de terra, que utilizavam a mão-de-obra do sertanejo como mão-de-obra barata e desqualificada. Esse sistema, desde o período colonial mantinha a exploração por parte de uma elite de proprietários, letrados, funcionários, clérigos, comerciantes que possuíam laços de interesse, os quais ultrapassavam as fronteiras das capitanias e aos poucos, construíam uma identidade comum, com base na terra e em estruturas administrativas, voltadas à grande propriedade, à escravidão e depois ao pequeno proprietário, retirante, despossuído.

Segundo Bosi (1994) a Literatura criada no Brasil entre as décadas de 30 e 40, apresentava esse ponto e um contexto ligado à natureza ao dizer:

Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e abertura do 'eu' a sociedade e a natureza [...] Afirmando-se lenta, mas seguramente vinha o romance introspectivo, raro em nossas letras desde Machado, Raul Pompéia e outros. [...] A sua paisagem nos é familiar, o Nordeste decadente, as agruras das classes médias no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da poesia entre provinciana e cosmopolita, fonte da prosa de ficção (BOSI, 1994, p.386)

Os personagens e a própria narrativa são atemporais, alheios à ação do tempo. Afinal, o drama humano se for pintado como um quadro, de forma

estática, resultará numa preocupação bem maior com os aspectos sociológicos do que os psicológicos. Ainda segundo Bosi (1994), a escolha pelo discurso indireto livre fez com que narrador e personagem se misturassem, a ponto dos dois disputarem os mesmos espaços, chegando mesmo Graciliano Ramos ter sido confundido com o próprio Fabiano, sob a alegação de Álvaro Lins de que toda a obra guarda certo caráter de vertigem, de oscilação, de ambivalência; e, perante a concepção materialista da vida, Graciliano valeu-se de um recurso intermediário: a abstração do tempo como elemento intermediário e arbitrário. (BOSI, 1994)

Graciliano, por meio das palavras, universalizou o que lhe era particular, peculiar e estava bastante presente em seu cotidiano. Reelaborou a realidade de todos os “Nordestes”, em especial no romance “Vidas Secas”, ao fazer um inventário do espaço e do tempo na literatura regionalista do Nordeste como resultado da relação homem-meio e suas inúmeras representações da natureza, identificada por apenas um fator, o clima da região.

Segundo Manuel Correia de Andrade em cada região se nota que um elemento se sobressai e no Nordeste, o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e que mais preocupa o homem é o clima. (ANDRADE, 2007).

De acordo com Bastos (2006, p.20), pode-se dizer que: “num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo”, revelando, assim, que esse fenômeno também não é só evidente no Brasil, mas na literatura universal e também em outros tempos.

## 2. Lugares, regiões, territórios

Vidas Secas não tem a simples função de denunciar o drama das famílias sertanejas pobres, mas revelar, tentar entender como a natureza pode assolar, marginalizar, embrutecer os seres humanos, sem considerar que no interior das mesmas há sonhos, projetos de vida digna, esperanças.

O espaço apresentado pelo autor manifesta muito mais informações econômicas, sociais das relações regionais do homem com a natureza por meio das classes dominantes, os considerados privilegiados (senhores de engenho e fazendeiros) do que a simples composição dos elementos geográficos que formam esse espaço.

Enquanto para Ruy Moreira “ocupar um lugar no espaço” se refere ao fato de se estar em rede, ser o ponto de referência da inclusão – exclusão dos entes na trama da nodosidade, para Yi-Fu Tuan (1983) é pertencimento, identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. Para tanto, no lugar, cada objeto, ou coisas tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes.

Incluir um lugar na rede aproxima e afasta ao mesmo tempo os homens hoje; acirra as disputas pelo domínio dos lugares e entre os lugares, de modo que lugares ou segmentos de classes inteiras podem ser excluídos ou excluídos, dos arranjos espaciais, tudo de acordo com os interesses e a organização do acesso aos lugares às informações da rede, uma vez que a rede é o auge do caráter desigual-combinado do espaço.

Fabiano e seus familiares não se enraízam culturalmente e territorialmente no mundo pela pura contemplação da paisagem, mas pela força da diversidade, de modo que localização (nordeste) com a caatinga como vegetação predominante num solo árido que caracteriza o homem sertanejo; tudo o leva a ser diferente e ao mesmo tempo uma só unidade na realidade que o cerca. Afinal, o homem não se vê como uma figura isolada e inerte dentro dessa diversidade, e sim copartícipe da sua ambientalização, que segundo Moreira (2001), é o “ato do homem de ir à natureza e trazê-la para si”.

É a experimentação da diversidade que faz o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo como mundo-do-homem por meio das relações de trabalho transforma a natureza em objetos que satisfaçam e garantam a sua reprodução.

Nas palavras de Moreira (1985):

A configuração da geografia como mundo circundante, decorre de que a existência humana é garantida pelo trabalho dos homens. Por meio do trabalho, os homens transformam a natureza em objetos para consumo e para lhes aumentar a sua capacidade de trabalho (a natureza fornece o material, que o trabalho do homem transformará nos objetos com os quais satisfará a suas necessidades variadas” (MOREIRA, 1985, p.68).

A imagem necessita que lhe atribuam sentidos, significados; para tanto, se faz necessário o uso da palavra, como se ela fosse a própria ação, sem desvincular o produzido do produtor e também em que contexto foi gerado, a fim de que nos sensibilizemos para uma realidade histórica e social daquela região, levando-se em conta de que a Geografia considera a terra como habitat do homem. Ao mesmo tempo, todas as realizações humanas que tenham extensão no espaço, como condição de produção e de existência social, relação direta da vida social e cultural do homem e o seu ambiente natural são caras à Geografia. Ambiente este que, segundo Muniz, é o Nordeste como produção imagética – discursiva- formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica historicamente se comparada a uma dada área do país, o Sul, como se comprova na seguinte passagem do capítulo Fuga:

“E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.” (p.127-128 ). As imagens se contrapõem. As perdas, privações e dor diminuirão no sentido do Sul, acalentadas pelo sonho de viver em sociedade, bem-nutrido e culto.

Como dizia Cosgrove (2000, p.38) é “a imaginação que metamorfoseia a comunidade humana e o ambiente natural em uma significativa unidade de espaço”, pois os geógrafos culturais interessados no significado do mundo tem se dedicado cada vez mais ao papel simbólico da linguagem em nossas relações com o mundo natural.

Afinal, o desafio para aqueles que estudam fenômenos é o de aprender o sentido de eventos, sob a ótica dos que deles participam, sem imporem um

quadro pré-determinado de raciocínio sobre a realidade observada.  
(Monteiro, 1994, p.29)

Graciliano Ramos ao escrever essa obra em 1938 destacou-se por ter desempenhado com bastante precisão as duas linhas de força da Segunda Fase da Escola Modernismo, que eram registrar, retratar a realidade do meio físico em que viviam as personagens, em especial, o Nordeste, e caracterizar psicologicamente as personagens (o interior delas, as emoções, sentimentos), obra que valiosamente contemplou isso.

Ramos tinha concepção da palavra **meio** enquanto estrutura física, terra seca, solo árido, áspero assim como as atitudes, falta de domínio de linguagem faziam das personagens pessoas secas, rudes também a ponto de humanizarem os animais, como a cachorra Baleia e o papagaio, esse processo conhecido como a antropomorfização e a zoomorfização.

D. Sinha nem mesmo recebe acento no “a” sugerindo assim a ideia de sina, o menino mais velho, mais novo (sem nomes, conseqüentemente, sem identidades) e Fabiano (cidadão comum).

Graciliano nesta obra tentou reproduzir suas memórias de infância que não lhe eram nada agradáveis, época em que morava no sertão nordestino e de um lado via crianças carentes, na miséria, enquanto do outro lado cidadãos despóticos, detentores do poder. Significativa contribuição para que o leitor imagine um local, um ambiente desolador, abandonado, escasso de água, com uma vegetação morta, mas capaz de ser alcançado por tudo aquilo que nosso sentido detecta (tato, visão, audição, olfato, paladar), um verdadeiro imaginário social com suas crenças, seus valores, seus sentimentos sem desconsiderar as relações de produção da sociedade. Explicando assim o quanto as imagens desempenham um importante papel na memória coletiva.

Por isso resolveu resgatar nessa obra a importância do meio físico como um pedaço de chão, terra a que pertence, já que para os geógrafos da época a viam como região natural, resultante das interações diversas de que o homem era capaz de fazer posteriormente a observação e isolamento dos mecanismos ou processos (clima, flora, solo).

---

Mas, o personagem Fabiano imprime no território a identidade do grupo social ali residente, família de retirantes castigada pela seca, mão-de-obra barata dos fazendeiros, que segundo Lobato Corrêa tem o significado de pertencimento – a terra pertence a alguém – não necessariamente como propriedade, mas como posse, devido ao caráter de apropriação. Assim como ao sair de sua terra natal, por causa da miséria, fome provocada pela seca gera a desterritorialidade – “ a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território”, e a reterritorialidade como a “criação de novos territórios, seja através da reconstrução parcial, in situ, de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial, em outros lugares, de um território para que contém, entretanto, parcela das características do velho território (...)” (Corrêa, in: Santos 1996, p.252), definido por Haesbaert como território – culturalista, produto da apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço.

E que na perspectiva de Souza, o território é visto como apropriação, não só como produção de espaço, mas como espaço de relações de poder, mas também palco das “ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço” enquanto para Carlos “o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisada pela tríade habitante -identidade-lugar”, sendo este a porção do espaço apropriável para a vida” (CARLOS, 1996, p.20).

Vidas Secas é uma obra tida como Universal, porque não trata somente de documentar, registrar a realidade nordestina, apresentando os problemas provenientes da seca, a opressão, vida de carências, de pequenos luxos, a sucessão de desgraças, mas destacando o grande assunto: o ser humano, os seus dilemas, questionamentos, indagações, incompreensões do mundo, denúncia das transformações sociais das décadas de 1930 e 1940 com uma única exigência metodológica – respeitar as fronteiras entre a Geografia e a Literatura - de modo que “ se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados na sua dimensão social (... a literatura) e sim

seja testemunho da sociedade, ao revelar os focos mais cadentes de tensão e mágoa dos aflitos”.

A região apresentada na obra por suas características aparenta se referir à região semi-árida do Nordeste e ao migrarem em busca de sobrevivência, não se fala propriamente de um lugar, mas das características de cidade grande, local promissor, expectativa de riqueza e fartura, leva o leitor a pensar na cidade de São Paulo, pois é um lugar onde se concentra um grande número de nordestinos.

Como cada romancista tem uma forma particular de ler o mundo em que vive, Graciliano envolvido com os problemas do seu mundo real, retrata-o em seu romance *Vidas Secas*, não apenas como uma descrição imaginária da fome, da seca, da miséria, mas uma representação salutar deste real (o flagelo da seca) de modo que o leitor compreenda a realidade social nordestina, sua estrutura sócio-econômica, suas crises, sendo capaz de analisar os conflitos, os problemas gerados pela seca por meio da caracterização e justificação dos protótipos do nordeste e do nordestino.

Pode-se observar no trecho: “na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala” é a visão do romancista Graciliano Ramos sobre a família nordestina que representa centenas de famílias de retirantes em busca de um novo pedaço de terra, diferente desse quadro de pobreza e miséria, como representa o autor ao narrar:

“Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.”

---

Homens que ao se fundirem com o mundo numa relação identitária, não viam mais o entorno como algo estranho, desligado deles, mas um mundo construído numa reciprocidade de pertencimento que faz o espaço surgir como ambientalidade.

Ambientalidade, que para Rui Moreira, é um todo em que tudo flui como uma ambiência enraizada no pertencimento da identidade. Afinal quando Fabiano e sua família mudaram de cidade, primeiramente sentiram se desidentificados e conseqüentemente desambientalizados, mas ao tomarem as casas, o arruamento, o fluxo do trânsito, um detalhe da paisagem como referências de localização e distribuição se sentiram identificados, espacializados e assim enraizadamente ambientalizados, diferenciando-se assim natureza de meio ambiente.

É importante destacar que a referência espacial do enraizamento é a territorialização do homem, um dado território, domínio da localização e a distribuição do objeto da paisagem de onde o sentido do homem ambientalizado aparece no recorte, sentido de estar culturalmente enraizado, unido num pertencimento de identidade, que só acontece com homens territorializados.

A ambientalização se organiza dentro do espaço-temporalidade, reproduzindo a cultura plural dos indivíduos e organizando o laço comunitário com base na diversidade, sedimentando a união que concretiza e plenifica as individualidades por meio dos valores, embora a diversidade ganhe vida, reafirmando-se dentro da espacialidade constituída, tornando-se às vezes um dado constitutivo da dominação de uns homens sobre outros.

A dominação ocorre, pois o padrão de culturalismo não consagra, nem plenifica à diversidade das diferenças, mas sim converte a diferença na unidade da função econômica e apresenta a desigualdade social como forma natural dessa diferença. Afinal, a ideologia corre no sentido de o signo de unidade, referenciada na dominação do dominante, ser tomada como uma

relação natural, tão natural, quanto o ar que a comunidade dos homens sujeitos a esta hegemonia respira.

O literato tem liberdade para compor sua obra, mas é complicado aliená-lo do mundo, da sua própria existência, queira ou não possui maneiras de ver a realidade, relacionar-se socialmente, viver a vida que não o permitiram, somente transformarem a realidade em ficção a partir de enunciações discursivas, mas sim de entender que cada discurso foi produzido no interior de determinados contextos sócio-culturais.

Espaço, que para Bastos, é “privilegiado de expressão da temática dos conflitos sociais e ideológicos de uma dada cultura, por reunir toda uma gama de contradições ‘inventadas’ pelo narrador a partir de conflitos existentes no seu horizonte de experiências, vivências e expectativas sociais” (1998, p.57). Isso dificulta, às vezes, uma análise geográfica através do texto literário, pois o leitor não consegue elaborar significações próximas àquelas imaginadas pelo escritor.

Nestes discursos literários, a família nordestina ganhou algumas características peculiares: homens valentes, destemidos; “machos sim senhor”, de maneira que durante toda a trama, não visualizamos uma vez sequer, um pai de família ou um filho adulto sentindo dor, medo, temor ou qualquer sentimento que demonstre covardia. Daí nasce o estereótipo de que “o sertanejo é antes de tudo um forte” resistente, “durão”, “machão”, por isso a necessidade de se beber cachaça como se quisesse desvencilhar-se da identidade de feio, maltratar a mulher, participar de brigas, lutas, envolver-se em adultério para reforçar a imagem, os símbolos e os códigos que definem a masculinidade na sociedade nordestina, com o intuito de sentir-se homem por supor “que havia ali por perto homens escondidos, com medo dele” (p.78).

Conforme Hall: “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (1998, p.39)

---

A perspectiva literária não é suficiente para que o leitor entenda o que o autor quis narrar. Por isso a necessidade de se apropriar dos conceitos geográficos de que o meio físico pode ser o limite estabelecido por uma civilização, como os próprios sertanejos, e o surgimento de uma rede de circulação (transportes, comunicações e energia) para que haja uma troca, uma arrumação dos velhos espaços; esses se tornam territórios, conforme Souza, delimitados e definidos por e a partir das relações de poder, definindo quem domina ou influencia quem, como domina ou influencia um dado espaço, sem propriamente ser organizado em rede, mas sim a partir dela; é o sentimento ontológico do outro – personificado pelo patrão, pelo soldado amarelo e pelo cobrador de impostos – que evidencia a perda de referencial de lugar no mundo social e cultural sofrida por esses sertanejos, que, por se sentirem “bicho, coisa, escravo” (FELINTO, 2006, p.133), perdem, também, o referencial de si mesmos, a começar pelo nome.

A ideia de espaço é apresentada por Graciliano na figura do vaqueiro Fabiano em comunhão ora com a Sinhá Vitória, ora com os meninos, ora Baleia. Espaço que ultrapassa o pictórico, o topônimo, coreográfico; espaço histórico e espaço-vida que dão legalidade ao espaço criado por ele. Daquele que não possuía lugar nenhum neste mundo, sem qualquer identidade, vivendo de hipóteses.

Se o interesse do geógrafo é analisar a migração como movimento destes retirantes no espaço, como Fabiano, para o autor não é o momento que forma a espacialidade, mas a grande mobilidade do sertanejo, a inércia do protagonista, a eterna lentidão de uma família de retirantes, numa constante reflexão do que são e do que verdadeiramente querem ser.

Ser geográfico em *Vidas Secas* corresponde àqueles que fogem para viverem presos num lugar que não existe mais, em busca de um lugar que lhe sirva de origem e referência, embora seja um ser de passagem, que não sabe de onde veio e nem para onde vai. Eterna partida. Sem passado, sem futuro, só direções, só orientações, só memória, só geografia, lugar de estado provisório. Embora quisesse vê-lo como espaço legalmente constituído e cotidianamente como lugar ocupado, o qual alguém tem a propriedade, posse

sobre ele como se pudesse divulgar “este é o meu território”, “ali é o território de alguém”; “este espaço tem um dono”.

Apesar do território gracilianista parecer estar muito mais voltado a perspectiva idealista, dotado de identidade, sentimentos inspiradores para aqueles que dele é excluído e a satisfação para os que dele usufruem/compartilham, segundo Spósito (2004, p.17) precisa ser analisado por quatro concepções diferentes:

Primeira: Naturalista – “aparece como imperativo funcional, como elemento da natureza, inerente a um povo ou uma nação pelo qual se deve lutar para proteger ou conquistar” no sentido de extensão, delimitação de lugares é valorizada, pois é, nesse espaço delimitado que os grupos sociais estabelecem relações de uso, de transformação e de poder.

Segunda: Culturalista – aquela mais voltada para o território do indivíduo, à territorialidade, que neste caso: “pertence ao mundo dos sentidos e, portanto da cultura, das interações cujas referências básicas são as pessoas e a sua capacidade de se localizar e de se deslocar” (Spósito, 2004), sugerindo assim o território como espaço de relações de indivíduos, estabelecido pelas relações de poder e de pertencimento ao espaço utilizado.

A Terceira abordagem surge quando o [...] termo território é confundido com o de espaço e abstraído a partir do momento em que se considera uma quarta dimensão, aquela definida pela transformação que a sociedade impõe à natureza [...]

Afinal já dizia Raffestin (193) que em um espaço propriamente dito, ainda não se deram relações de poder, relações em que um ator manifeste a intenção de apoderar-se desse espaço. Em contrapartida, um território enquanto tal, não exprime mais simplesmente um espaço, mas um espaço construído pelo ator, apropriado e organizado de acordo com seus objetivos e interesses.

Espaço que é “de certa forma, ‘dado’ como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. ‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática” (RAFFESTIN, 1980, p.144)

---

Em *Vidas Secas*, o sertanejo diante de tantas dificuldades, torna-se um figurante em meio à condição de vida imposta pela seca, tornando-se o próprio homem- bicho, completamente abandonado pelo Estado e privado de todo e qualquer conforto, fazendo o personagem Fabiano obrigatoriamente “aceitar e transigir com as diversas condições que o mundo lhe impõe, sendo incapaz de reagir à cobrança de impostos, manifestação imediata de um governo, o qual não participa e que lhe parece um fetiche exterior e distante, sem se sequer encontrar forças para se livrar da prisão” (COUTINHO, 1978, p.106)

Graciliano em sua obra ao retratar a realidade, não teve a intenção de propagar esperanças, mas apresentar uma realidade tão incômoda, que fizesse surgir a necessidade de transformá-la. O sertão criado por ele não está voltado estritamente para o regional, mas o lado econômico, social do problema, o quanto o desamparo individual e coletivo da família de Sinhá Vitória e Fabiano diante de uma realidade seca, carente de alimento físico e espiritual, a mercê dos governantes e da própria sorte, justificam comportamentos, posturas, atitudes de resignação, conformismo de que a morte nada mais é do que uma consequência natural da vida, fazendo-os acreditar ser natural a privação de tudo, até mesmo das necessidades básicas de sobrevivência: saúde, moradia, educação, segurança, alimentação, bem como as afetivas, representadas pelo direito de serem ouvidos, amados, respeitados, reforçando conseqüentemente a ação de submissão e não libertação.

Há uma ligação direta do ser com a espacialidade, a ponto de Fabiano ser identificado ao seu lugar imediato como animal ou planta, oscilando entre o ser homem e o ser bicho que acaba por escolher a condição animal diante das situações da vida para que possa se defender e sobreviver aos embates, brutalidades apresentadas pela mesma. Irá vagar pela caatinga, um indivíduo em movimento que sempre trabalhou, trabalha e deixa tudo para trás, em ruínas, encarando o que vem pela frente como cenário.

O capítulo “inverno” é uma representação de que o geográfico não se refere somente à seca, embora Graciliano não tenha feito um registro nominal de um determinado lugar, mas sim se referindo a um ponto qualquer do sertão

nordestino. Era necessário compreender as condições de ocupação e de subsistência do sertanejo, a própria expressão da monocultura e do latifúndio, do mando e da subalternidade, os desajustes econômicos e sociais, de serem considerados seres humanos: ilhados, fechados em si mesmo, constantemente na defensiva.

Eles se encontram ilhados no Polígono das Secas e das cercas, com comportamento perturbador pela dureza da seca que atinge essa área geográfica, assemelhando-se os mesmos às pedras, cardos de espinhos como o mandacaru – agressivo, eriçado - de espinhos. Imagem refletida num espelho, construída a partir de práticas sociais e culturais, que por meio de regularidades discursivas, determinadas pelas relações de poder implicadas em condições amplas e específicas de enunciação e procedimentos de controle, selecionam e organizam o que se pode dizer/mostrar sobre o Nordeste, num determinado contexto, assim como o que se deve excluir de dizer/mostrar sobre ele.

Afinal dizer que é nordestino não é relatar essencialmente a verdade sobre o nordeste, mas uma posição enunciativa que remete a um determinado discurso dominante sobre a região, a seca no sertão, não se importando quão diferentes seus membros sejam em termos de classe, gênero ou raça, uma vez que o intuito é unificá-los numa identidade cultural como representantes de uma mesma e grandiosa família nacional (ou regional).

Pode-se afirmar que ao estudar a obra *Gracilianista: Vidas Secas*, a geografia se faz necessária para que os leitores compreendam a arrumação, organização dos velhos espaços sertanejos, uma vez que se preocupou em descrever ao seu interlocutor as características de um ambiente hostil, abandonado, desolado, marcado pela escassez de água e pela presença de uma vegetação morta ao se referir a um céu sem nuvens, com sol escaldante e de um profundo azul como se observa na página 13:

“Fabiano [...] espantou-se: uma sombra por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol”. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos,

suspirando, conservaram encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeita, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente”.

A literatura por estar a serviço da população tem o intuito de informá-la sobre um determinado lugar, descrevendo as características das personagens e o quanto o comportamento, a atitude das mesmas são influenciadas pelo meio em que vivem, daí nasce a inexistência de fronteiras entre Literatura e Geografia, pois a obra ao se referir a uma particularidade, especificidade de unicidade de lugar ( Nordeste), exige do leitor subsídios teóricos que o permitam acompanhar a mudança da realidade, sendo o espaço estudado, fruto da história e o responsável pelas mudanças nas formas geográficas do presente, voltando-se muito mais para a arrumação de espaços reais do que simplesmente culturalmente, historicamente.

*Graciliano foi considerado sujeito diaspórico, explicitando assim por meio de sua ficção, os ganhos e as perdas de ter vivido num espaço de constante tensão, além de ter deixado para o país o legado de uma experiência intelectual e de uma consciência identitária ímpar. Prova disso é a declaração de Clara Ramos de que ele era: “uma pessoa, um escritor que personaliza muito bem todos os seus temas, ele personaliza essas épocas, essa literatura encarcerada, inteligência assim perseguida, manietada, amordaçada, presa; ele personaliza a ponto de ser chamado de romancista dos pobres diabos, exatamente desse povo sofredor, desse povo mais humilde. Ele personaliza a sua região, a região em que ele nasceu, ao ponto de ser associado ao cacto, ao mandacaru, de ser sempre designado pelos adjetivos seco, agreste, enxuto, espinhoso de tanto que se identifica com sua terra. E se ele personaliza isso tudo, é porque tem uma personalidade super impessoal, uma personalidade criativa, construída, coletiva.” (RAMOS, 1995<sup>a</sup>, p.28)*

A experiência de Graciliano Ramos viver nos cárceres do Estado Novo foi essencial para a elaboração do livro *Vidas Secas*, conforme resposta do próprio autor ao ser interrogado sobre tal obra:

“Certo crítico anos atrás, me insinuara utilizar num romance os camponeses do Nordeste. Apesar de sertanejo, achava-me incapaz de fazer isso, e antes de viver com esses homens na cadeia, dormindo nas esteiras

podres e dividindo fraternalmente os percevejos, não me arriscaria a aceitar o conselho.” (1995b, p.128)

A partir daí as personagens criadas pelo autor, experimentaram a tensão identitária ocasionadas pela saída forçada, deslocamento, exílio do Nordeste, revelando o lado obscuro da identidade nacional: o do deslocado em todos os sentidos possíveis – corpóreo, geográfico, psicológico, social, linguístico, etc. É como se o estilo literário escolhido fosse agreste, enxuto e seco, espinhoso e cortante como sua própria região (Nordeste) e na figura de Fabiano, que só podia ser reconhecido como subordinado devido sua classe socioeconômica, vê-se o quanto o proprietário de terras tem autoridade para descompor o vaqueiro e o mesmo deverá obedecer pelo simples fato deste ser seu amo, como nos retrata a seguinte passagem:

“Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu debaixo do braço, desculpando-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque tudo estava em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?” (p.23)

Sabe-se que o trabalho humano é o responsável pela produção do espaço social/geográfico, por isso numa sociedade de classes como no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o espaço reflete a natureza classista dessa sociedade que na percepção de Corrêa “[...] a organização espacial é, como já vimos, expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho social. Como tal, refletirá as características do grupo que a criou. Em uma sociedade de classes, a organização espacial refletirá tanto a natureza classista da produção e do consumo de bens materiais, como o controle exercido sobre as relações entre as classes sociais que emergiram das relações sociais ligadas à produção (Corrêa, 1986, p.56)

Dessa forma, conclui-se que não há sociedade sem território, já que o ser humano vive em um território onde realiza todas as suas relações, o discurso narrativo utiliza-se do saber geográfico como agente estruturante, denúncia da opressão, sendo o capital o próprio agente opressor que se impõe aos personagens como no modo de produção capitalista o trabalho acontece subordinado ao capital, ou seja, o proprietário de terra na figura do patrão dita

as normas, as regras e o personagem Fabiano como trabalhador apenas as obedece, originando assim o Estado capitalista que legitima as ações do capital. Para isso, os principais agentes produtores/organizadores do espaço social/geográfico no modo de produção capitalista é o poder econômico e o poder jurídico-político.

Fabiano, homem de trabalho duro, vaqueiro sempre prestou serviço para os outros como retrata o autor ao dizer: "... que era apenas um cabra, ocupado em guardar as coisas dos outros" (p.53), pois não tinha seu próprio pedaço de terra e temia dialogar com os "brancos", ou melhor, "vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra." (p.53)

A mesma seca que amarela a caatinga, pulveriza as folhas secas e faz ressurgir no céu azul as últimas arribações, reflete o embate entre o homem, as personagens e as circunstâncias geográficas, de forma que, gradativamente sonega ao ser o direito à vida, mas não lhe tira o direito de analisar a si mesmo, descartando a ideia de enfrentar os obstáculos como humano, sujeito de sua própria história, e sim, colocando-se na condição de bicho para sobreviver a ponto de pensar que "seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia ..." (p.60)

---

## **CAPÍTULO III**

**A SECA,  
A REGIÃO:**

**A LITERATURA  
SOB A LUZ DA GEOGRAFIA**

### CAPÍTULO III

#### A SECA, A REGIÃO: A LITERATURA SOB A LUZ DA GEOGRAFIA

Com seus objetos de estudo localizados enquadradamente dentro do espaço social, a maioria das ciências sociais poderia abstrair o espaço físico, incorporando-o nas análises somente como um dado externo ocasional. A geografia evidentemente não se deu a esse luxo.

Neil Smith

Para Smith, o espaço natural, no sentido de espaço absoluto herdado, não é mais sinônimo de espaço físico, já que este pode ser social. “Esta distinção surge no debate sobre o espaço geográfico, porque os geógrafos têm que lidar com o espaço físico em geral e não apenas com o espaço natural da primeira natureza”. (1988, p. 120)

Isto se confirma nesta obra. Para Graciliano Ramos, o sertão nordestino é a aridez, a secura do próprio Fabiano que como um errante caminha não se sabe para onde e nem para que, sem demonstrar qualquer sinal de fraqueza, desespero, mas sim como o próprio solo que racha, parte-se e não morre. Espaço “amatemático e ageométrico” que não se reduz as relações geométricas, as medidas, mas as relações que se estabelece com ele, a certeza de que não se pode falar dele, sem se considerar parte integrante do mesmo – o espaço vivido- um tempo vivido, o viver e agir nele como desenvolvimento de vida pessoal e coletiva da própria humanidade,

representado por Fabiano, exemplo vivo de que o espaço geográfico está onde o homem estiver.

Espaço este que não o reduzimos a singela formulação teórica de que é resultado da ação humana sobre a natureza, mas relação recíproca sujeito-objeto, o homem como agente transformador do objeto, que corresponde ao espaço material criado e medido pelo trabalho, por modificações subjetivas.

Não há como desconsiderar de que a apreensão do espaço geográfico envolve primeiramente o “pensar o espaço” e os discursos empregados às formas de organização criadas, além da subjetividade do observador na análise e interpretação desse espaço, a sua própria visão de mundo. Portanto, Graciliano constrói sua representação pela via do discurso do romance que nada mais é de que a interação entre o que é representado pelo autor e a imagem espacial herdada pelo leitor, conforme vivências e informações.

A literatura é um instrumento fabuloso para que os cidadãos conheçam a realidade de um povo em uma determinada época (1937) em que o meio físico era fator determinante nas características sociais, psicológicas e físicas dos seres que ali habitam, revelando com o seu próprio corpo as agruras da seca, as consequências de um solo improdutivo, infértil, uma paisagem amarelada de folhas ressequidas como se pode observar nas transcrições de algumas ricas passagens como:

“[...] penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p.13)

“Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas” (p.15)

“Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente” (p.23)

“Tudo seco em redor” (p.24)

O objeto de estudo é um romance da década de 30, justamente para veicular alguns conteúdos geográficos tratados nos currículos escolares, a um ensino de Geografia crítica e criativa, observando-se a atmosfera cultural do período em que a obra foi produzida e as características gerais dessa produção literária.

Afinal na década de 30, atmosfera cultural dessa produção literária era bastante conturbada, pois revelava um momento de grande ebulição política (Revolução de 30), responsável pela reformulação das linhas de interpretação da realidade brasileira quanto às inquietações científicas, filosóficas e políticas, promovendo o casamento entre ideologia e arte, definido por Antonio Candido como “projeto ideológico dos anos 30”.

Essa obra modernista ilustra de forma mais concreta o sertão, a região do nordeste e desfaz todo e qualquer pré-conceito, julgamento a respeito do que realmente há ou existe naquele espaço. Espaço este, muitas vezes, difícil de ser compreendido se tratado somente na linha geográfica Determinista, de caráter puramente descritivo, onde o homem é um ator passivo, subordinado às injunções das condições ambientais ou do Possibilismo, que enxerga o homem como agente transformador do ambiente natural, mas por intermédio de ambas as bases da Geografia Humana que reivindica o papel bem mais representativo ao espírito do homem em seus contatos mais íntimos com a natureza, justamente por intermediar um determinado momento histórico (Segunda Guerra), contexto em que foi produzida a obra em questão, enquadrando assim os estudos de “corografia” do país, que nada mais eram do que diante das condições sociais, científicas, econômicas, políticas ou militares levar os grupos humanos a utilizar o meio geográfico de tal modo que o mesmo viesse condicioná-lo. Enquanto na linguagem literária tudo isso se torna mais palpável, presente em nosso cotidiano, podendo até mesmo ser definido como:

“ [...] pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele [...] A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio” (p.20)

“Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinto, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século” (p.24).

“E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (p.24).

Correntes políticas divergentes chegavam às ruas e às manifestações culturais, de modo que o regime ditatorial do Estado Novo trazia aspectos negativos tanto para a cultura quanto a produção nordestina, que já tinha mercado garantido e a liberdade de expressão da intelectualidade viria somente com a Segunda Guerra Mundial, quando o fascismo e o nazismo fossem derrotados, permitindo-se assim uma produção mais livre na literatura.

Não há como ignorar o poder da vida, seja qual for a teoria, a palavra, e nada melhor do que identificar na conduta humana uma explicação científica, afinal não existe ciência sem o homem, sem a emoção e muito menos um ser sem um fundamento, uma razão, um conhecimento histórico. Portanto, a obra literária é uma fonte de informação, vivências, de sentimentos que se sustentam, mantêm-se, tornam-se contemporâneos, devido às contribuições da Geografia Humana, a que está voltada ao fato, sem jamais se esquecer do material humano, o quanto este interfere no percurso e nas relações dos fenômenos, introdução de novos temas e adequação às mudanças, pelas quais o país passa.

O romance ao construir uma imagem do espaço da sociedade pode desvendar articulações ideológicas de um momento histórico; expressar valores e interesses que interferirão na organização do espaço; mostrar a relação natureza-sociedade; revelar os conflitos sociais, as relações de dominação-subordinação, as relações produtivas, desde que ao representar o real, seu discurso seja capaz de construir uma realidade social e espacial, ou melhor, uma realidade geográfica.

Já dizia Graciliano “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer” o que sente um homem, como uma

região é, o que a miséria e a seca geram na vida de um ser, para tanto se aproveita a linguagem literária que por meio de monossílabos representa a própria brevidade caótica destes sobreviventes e cumpre o seu papel de revelar a cada um as particularidades dessas pessoas, de acordo com suas culturas e seus lugares de vivência, bem como assim o fez Douglas Pockock que na introdução de sua obra denominada Geografia Humanística e Literatura valorizou a essência do viver e da experiência por meio de espaços reais, vividos em diferentes escalas e níveis de ficção e realidade.

A seleção dos próprios nomes das personagens é uma crítica sutil à realidade política, social e histórica da região nordestina, tal como: Sinhá Vitória, na qual a vitória estaria muito aquém de ser alcançada, assim como o substantivo Sinhá denota um sentido de servilismo total, configurando a subordinação diante dos mais fortes frente às desigualdades. A cachorra denominada Baleia é a própria antítese, uma vez que era magérrima com pelos caindo por todo o corpo, numa palidez total, o oposto das características desse mamífero de grande porte, belo, saudável (Baleia).

Falando-se de Graciliano, é necessário conhecer a Segunda Geração Modernista iniciada em 1930, estendendo-se até 1945, quando no Brasil, as divergências políticas eram acirradas, pois em 1929, o presidente Washington Luís indicou como seu sucessor o então governador de São Paulo, Júlio Prestes, enquanto na oposição estava Getúlio Vargas da Aliança Liberal. A vitória de Júlio Prestes fez com que a Aliança Liberal criasse uma ala dissidente formada por famílias tradicionais ao se unirem às forças tenentistas. Diante deste conflito, o insucesso da Aliança foi inegável, momento este em que Getúlio Vargas assumiu o poder e a literatura refletiu todas essas conturbações, apoiando-se mais na temática voltada para o homem, perante a sua condição social, em que a miséria, a seca e a luta pela sobrevivência era aliada ao descaso dos políticos com a região nordestina.

Percebia-se um Brasil, enquanto país, cheio de graves problemas sociais e econômicos, surgindo assim a necessidade de elaboração de um

projeto que por meio da ciência fosse capaz de controlar tudo – a produção, a guerra, a natureza, os homens, a doença e a criminalidade, como se quisesse por meio da identificação do real, refletir as necessidades em jogo, numa perspectiva política e histórica, entendendo-se as representações como estratégias, de tal forma que as lutas de representações tivessem tanta importância quanto as lutas econômicas, conhecendo-se assim o mecanismo adotado por um grupo para impor sua concepção do mundo social, seus valores ou tentar assim fazê-lo com o intuito de dominá-lo. Enfim a própria identidade dos fazendeiros, dos cobradores de impostos, do soldado amarelo que se impunham ao vaqueiro Fabiano pode ser observada nos trechos abaixo:

“[...] deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara a noite. Baixou a arma. Aquilo durou um segundo [...]” (p.102).

“Devia sujeitar-se àquela tremura, àquela amarelidão?” (p.106).

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanhalado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo”(p.107)

Pode-se dizer que o aumento do poder do capital, intensifica a separação homem x natureza; produtor e produto, trabalho intelectual e manual por meio de um aumento da exploração do homem e da natureza, gerando assim a alienação, de modo que o retirante seja um retrato fiel deste fato, pois, ao mesmo tempo que retira da natureza as riquezas, não usufrui de nenhuma delas que na concepção de Moreira (1985, p.77-78):

“ Perseguindo a elevação da produtividade do trabalho como forma de elevação da taxa de exploração do trabalho e da natureza o capital dicotomiza a sociedade ilimitadamente, e amplia a base da alienação do trabalho e da natureza: intensifica a separação entre o homem e a natureza, entre produtores e produtos, entre trabalho de direção intelectual e trabalho manual. [...] Quanto mais alienação integraliza-se na sociedade, maior o poder do capital sobre o conjunto da sociedade”.

O predomínio do poder econômico e, político funciona como “motor” condicionante dessas relações, essência da produção territorial que nas palavras de Damiani (2002, p.19) nada mais é do que “dividir o significado do poder pode significar diluí-lo. Sabemos da importância de toda e qualquer vontade de poder: sabemos da existência de uma multiplicidade de poderes – econômicos, políticos, sociais, que definem territorialidades. Mas a essência do processo, que demarca todas as demais circunstâncias, é o atrelamento entre o político e o econômico [...]”.

Graciliano intitula o primeiro capítulo como “mudança”, propositalmente, para retratar a saga, a sina de uma família de retirantes que não habita um único lugar, ou um lugar único, mas vive o chamado “entre lugar”, o qual não está nem aqui nem acolá, mas o faz deslocar forçosamente, para não se perder a vida, nem morrer, mas sim sobreviver à seca; de tal modo que a paisagem seja o fio condutor que perpassa todo o enredo, e intensifica a reificação do homem a ponto de não existir diferença entre os objetos e as pessoas, contrariando assim a interpretação da literatura brasileira de que o homem sempre dominou ou apreciou a natureza, afinal os personagens da narrativa estão aí para comprovar tal reflexão, ao serem engolidos pelo próprio meio natural em que vivem, sem qualquer controle, domínio sobre ela.

## 1. As secas, as regiões e o regional

A obra em questão dá muito mais ênfase a idéia de que o tema “seca/retirantes” tem um caráter de problema nacional, o qual somente a alteração da estrutura sócio-econômica será capaz de solucioná-lo.

O estilo literário Gracilianista é como sua região, agreste e enxuta e sua linguagem seca, espinhosa e cortante que constrói a identidade nordestina dos habitantes dos sertões secos brasileiros em que o vocabulário é mínimo, as frases são curtas, cortadas, na figura do vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos que haviam se acostumado a percorrer veredas afastando o mato com as próprias mãos. Gesto este, que “os filhos já começaram a reproduzir hereditariamente (p.17-18), pois a sina dele (s) era correr muito, andar para cima e para baixo, à toa como judeu errante” (p.19),

sem se tornarem irracionais, afinal o meio físico maltrata o homem, invade-o, mas não o corrompe por completo.

Cabendo aqui ressaltar que a narrativa Graciliânica, vai muito além do que considero geográfico; está voltada mais ao psicológico, social em que o personagem Fabiano acha-se hóspede em sua própria terra (“achava-se ali de passagem, hóspede”- p.19) com a sina de trabalhar como negro [sem] nunca arranjar carta de alforria (p.94) para ter comida, mesmo que minguada, e uma cama de varas que não é a de seus sonhos. Território que em vez de agregar, acolher, dar a seus personagens o sentimento de posse, afasta-os, encaminha-os a territórios “estrangeiros”, “desconhecidos”, fazendo-os assumirem diferentes identidades de retirante, não mais como ingênuo, sofredor, mas “bicho”, “homem”, “cabra”, um possível cangaceiro, o qual a seca é “o monstro que policia as fronteiras do possível”, proíbe a vida e demarca os espaços culturais ao saírem de sua terra natal.

Na obra *Vidas Secas* o processo migratório representado por uma família de retirantes que sai de sua terra de origem (desterritorialização) e se fixa na nova terra de chegada (reterritorialização) exige primeiramente a investigação do termo “território” no sentido original da palavra que para Haesbaert (2004, p.42) é “domínio da terra, direito de posse. Materialização sustentada por uma relação emocional, sentimento de terror, aterrorizar, qualquer pessoa que vem de fora para este território”.

Assim, faz-se necessário saber que as relações sociais atribuem ao território duas facetas: uma política- econômica – concepção de Estado-Nação, na qual há produção e acúmulo de capital e de trabalho que para Boligian e Almeida (2003, p.241) é “a base espacial onde estão dispostos objetos, formas e ações construídas pelos atores sociais e historicamente determinadas segundo as regras do modo de produção vigente em cada época, ou seja, pelas relações sociais de produção. Enquanto na perspectiva simbólica – afetiva, o território é “o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços

apropriados por meio de práticas que lhes garantam uma certa identidade social/cultural.

Já para Moraes (1998 p.56) o espaço é um lugar de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, o “espaço vital” - definidor das condições que se tem para progredir e se expandir.

A luta entre/de classes são as tensões exploradas na narrativa, que permitem ao leitor perceber o quanto Fabiano e sua família estão distantes da condição de sujeito social, função esta exercida pelo patrão – que como proprietário de terras, tem a autoridade para descompor o vaqueiro por tratá-lo como “amo”, e Fabiano, sem opção, obrigar-se a suportar ser escravo. A cruel relação entre dominante e dominado, explorador e explorado, colonizador e colonizado, e as consequências desse embate na construção das identidades do nordestino, personificado em Fabiano e sua prole.

O fato de o patrão se enxergar como superior em relação ao outro, oprime e marginaliza o grupo liderado por Fabiano, que só tem uma certeza: ser “cabra, governado pelos homens, quase uma rês na fazenda alheia” (p.24) e daí surge a vontade de assumir a identidade de cangaceiro como se quisesse “ser violento para superar a violência” (IRWIN, 2006, p.72), mas não a assume, pois reconhece o poder da farda, a identificação do soldado amarelo como autoridade, então retira o chapéu, assume a postura de feio e ensina o caminho ao amarelo, pois, “apanhar de grosseiro não é desfeita.” (p.105)

Fabiano é aquele que simplesmente obedece e reproduz, dá continuidade ao sistema dividido entre os que estão dentro e os que estão fora, fato que pode ser ilustrado com os sertanejos apresentados por Graciliano Ramos na festa de Natal na cidade onde Fabiano se comparado aos tipos da cidade [...] reconhece-se inferior (p.76) enquanto juntos aos seus (Sinhá Vitória, os meninos e a cachorra Baleia) – vê-se semelhante, sendo utilizada a metáfora da ponte por Graciliano Ramos ao revelar ao leitor a saída dos sertanejos para a cidade, de uma verdadeira fronteira de deixar o interior para

ganhar a cidade como eterno deslocamento nato dentro deles de se construir uma identidade, que somente no último capítulo essas fronteiras geográficas serão atenuadamente delineadas.

O escritor alagoano ao apresentar a família em marcha rumo à festa, evidencia o quanto o nordestino era destituído de sua própria identidade, a ponto de não se sentir a vontade e nem conseguir se vestir ou se comportar como as pessoas da cidade, ao perceber quão é diferente dos demais, nem se misturar às pessoas da cidade que habitam esse território estranho, sentindo-se assim estrangeiro dentro de seu próprio país, conforme retrata a cena:

“Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tantas gentes?[...]”

Chegaram à igreja, entraram. [...]

Os meninos também se espantavam no mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e Sinhá Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares.[...]

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova o pescoço, esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na caatinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o pescoço [...] Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam.” (p.74-75)

A imagem descrita por Graciliano em *Vidas Secas* pode-se ser compreendida como “a esperança do eterno retorno, a decifração do ‘enigma de uma chegada’ sempre adiada” (HALL, 2003, p.33) e confirma o não-lugar do nordestino miserável em seu espaço social, tendo este a imensa necessidade de se relacionar com o seu lugar de origem, resgatar os seus vínculos, mas ao mesmo tempo negociar com as culturas a que se agrega, para que sua identidade seja legitimada, a ponto de muito mais “mudar de roupa sem trocar de pele.” (ASSIS, 1987, p.95)

A natureza social exclui muito mais a identidade de Fabiano, hostiliza-o do que a própria natureza física – a caatinga – exigindo dele a reconstrução da forma como se vê, não na perspectiva do outro, mas de si mesmo, para que seja alguém, tenha visibilidade, assuma uma nova identidade – a de homem e não a de bicho; afinal já dizia Hall que para se firmar a identidade é preciso reprimir aquilo que a ameaça e de que a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (1998, p.39).

Em se tratando da “realidade” de milhares de famílias sem terra, sem casa, sem trabalho, sem alimento, Graciliano enxerga um sertão distante dos benefícios da civilização, no qual Fabiano ao considerar o governo como “coisa distante e perfeita”, instituição que “não podia errar” (p.35) e ele como “um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado” demonstra o quanto as situações diárias não só ameaçavam o seu corpo – território último do despossuído – mas também seus vínculos, subjetividade, a ponto de se produzir uma desumanização generalizada, provocada pela privação de direitos.

Situação muito bem ilustrada no discurso de Antonio Candido que classifica o narrador/letrado como porta-voz do oprimido ou um procurador, o qual tem o poder de falar em nome de outrem, como acontece com Fabiano que ao andar em fuga em busca de um território no mundo, abre mão de seu lugar para um homem de posses, privando assim a ele e toda sua prole de tudo.

Território este que tradicionalmente se resume no “poder político” (dominação) e num sentido mais simbólico (apropriação), já que carrega as marcas do “vivido”, de valor de uso e não a idéia de troca como dizia Lefebvre “o uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos ‘agentes’ que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por

quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo”. (1986: 411 – 412, grifo do autor)

Neste sentido, pode se dizer que o território é uma totalidade dinâmica, mas ao mesmo tempo contraditório no processo material de produção/reprodução do capital, mediada pela superestrutura (os poderes simbólicos, políticos, ideológicos, jurídicos etc.), afinal a sociedade classista ao se reproduzir materialmente por meio das relações de trabalho produz o território que para Oliveira (2004, p.40) “deve ser aprendido como síntese, contraditória, como totalidade concreta do modo de produção/distribuição/circulação/consumo, e suas articulações e mediações supra-estruturais (políticas, ideológicas, simbólicas etc.) em que o Estado desempenha a função de regulação. O território é assim, efeito material da luta de classes travadas pela sociedade na produção de sua existência. Sociedade capitalista que está assentada em três classes sociais fundamentais: proletariado, burguesia e proprietários de terra”.

No modo de produção capitalista o produto do trabalho não pertence ao trabalhador Fabiano, mas ao proprietário de terra (fazendeiros, donos de terras) como reprodução do capital, de forma que os familiares dos retirantes não tenham acesso aos bens produzidos, ficando cada vez mais distante o produtor (trabalhador) e o dono da produção (fazendeiros) acumulando riquezas nas mãos de poucos e a exclusão de muitos.

O poder (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos exige de cada um de nós como “recurso” básico, territorializar-se. Não nos moldes de um “espaço vital” darwinista – ratzeliano em que – o solo não seja apenas um determinante da vida humana, mas sim num sentido muito mais múltiplo e relacional, esteja mergulhado na adversidade e na dinâmica temporal do mundo.

Sabe-se que a noção de região apareceu logo que a Geografia deixou de ser puramente descritiva para se tornar explicativa, nas primeiras décadas

do século XX, quando Delgado Carvalho apresentou uma proposta de divisão do Brasil em regiões naturais, servindo assim de base para a primeira divisão regional do IBGE.

Os critérios utilizados para dividir o Brasil em cinco regiões eram astronômicos (pontos cardeais e colaterais) e físicos (relevo, clima, vegetação), vistos como unidades naturais, não criadas pelo homem, pelas suas tradições históricas ou pela conveniência política, mas sim como base da divisão regional racional que permite o estudo dos grupos humanos por suas características locais, resultando então em diversificadas aparências topográficas, climatológicas, de condições de vida e de trabalho, e conseqüentemente em seres humanos, moldados segundo as exigências naturais locais. Nesse imenso país há inúmeros Fabianos que não nos deixam mentir.

Em 1938, data da publicação da obra *Vidas Secas*, o espaço brasileiro era dividido por critérios bastante diversificados e como era necessária a elaboração do Anuário Estatístico Brasileiro, o Conselho Nacional de Estatística adotou a divisão regional em uso no Ministério da Agricultura. Divisão esta que se deu em cinco regiões: Norte – Acre, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí; Nordeste – Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; Leste – Sergipe, Bahia e Espírito Santo; Sul – Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; Centro – Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

No entanto, no início da década de 40, novas teorias e métodos contribuíram para a primeira divisão oficial do Brasil em Grandes Regiões. Uma única divisão regional para o país foi adotada para fins práticos e estatísticos, determinando assim que fosse adotada em todos os Ministérios a divisão regional definida pelo IBGE.

A proposta apresentada por Fábio de Macedo Soares Guimarães, chefe da Divisão de Geografia, de modo semelhante à de Delgado de Carvalho, servia-se da posição geográfica para nomear as Grandes Regiões, pois se embasava nas condições naturais de território, prevalecendo entre clima, vegetação, relevo, a noção do fator dominante – a característica da região.

Assim como na obra graciliânica, *Vidas Secas*, pelo discurso regionalista Nordestino de 30, o ambiente desolador da seca, o personagem Fabiano e sua família retrataram fatos, traços que evidenciariam uma região que segundo Álvaro Lins: "... contém maior sentimento da terra nordestina, aquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos os que estão ligados teluricamente".

A metodologia adotada era voltada ao princípio da divisão, que nada mais era do que partir o "todo" – o Território Nacional em unidades cada vez menores, surgindo assim, primeiramente, cinco Grandes Regiões, as quais possuíam certos traços comuns, que as tornavam bem distintas umas das outras. Espaço este subdividido em 30 Regiões, conforme características homogêneas no que se refere aos aspectos do meio físico, uma vez que acreditava na maior estabilidade desses elementos, permitindo assim a comparação de dados estatísticos ao longo do tempo. Afinal, se a metodologia fosse voltada as zonas fisiográficas, definidas a partir de aspectos socioeconômicos, estariam sujeitas a constantes transformações.

Portanto, em relação aos aspectos conceituais, a Divisão de 1942 foi, igualmente, alvo de críticas. Para Corrêa, quando o assunto era unidades de maior extensão (Grandes Regiões, regiões e sub-regiões) o conceito era filtrado do determinismo ambiental, enquanto para as de menor hierarquia considerar-se-iam os aspectos socioeconômicos, os quais transformavam zonas fisiográficas, em verdadeiras regiões geográficas nos moldes possibilistas, nas quais a região geográfica abrangia uma paisagem e toda sua extensão territorial.

Sabe-se que, da divisão regional adotada oficialmente em 1942 e a sua alteração, ao final dos anos 60, foi marcada por poucos avanços teórico-metodológicos sobre o assunto, uma vez que ainda no Brasil, os estudos regionais eram influenciados por autores europeus, especialmente das Escolas Determinista Ambiental e Possibilista, as quais trabalhavam com o conceito de região 'natural'. Castro (1992) afirmou em um de seus trabalhos de que o Nordeste até o final dos anos de 1940 não existia na configuração atual e muito menos como "questão nordestina", A seca e a cana-de-açúcar eram identificadoras das "Províncias do Norte":

A imagem projetada da região era a caatinga ressequida e indefectível carcaça de um boi e os retirantes, magros, com seus pertences entrouxados e equilibrados sobre a cabeça. Eram as “vidas secas” de Graciliano Ramos, cujo protesto contra a ordem social injusta era sufocado no cárcere, enquanto a imagem de sofrimento era apropriada e usada politicamente. Afinal, tratava-se de um pedaço de país pouco aquinhoado pela natureza. A culpa da miséria era dos céus e não dos homens (Castro, 1992, p.59).

Graciliano Ramos por meio da descrição da paisagem apresentou ao leitor o indício de seca, solidão, local marcado pelo abandono por meio de um céu sem nuvens em que “Fabiano [...] espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo agüentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeita vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente” (p.13). Os elementos associados a este céu azul sem nuvens como lágrimas e temor serviram para ilustrar o quanto os dias naquele lugar eram desoladores, desesperadores.

Surge uma instituição imaginária a partir de discursos de região “flagelada” e “pobre” por consequência climática a ponto de Manuel Correia de Andrade dizer que “O nordeste é filho da ruína geográfica do país. Ou seja, o Nordeste surge da separação com o Norte, a partir da instituição imaginária de uma porção nortista que atingida por secas periódicas foi adquirindo ‘contornos precisos’ enquanto um espaço regional que se distinguia do antigo bloco monolítico chamado Norte”.

Mas a partir da segunda metade da década de 40 e a década de 50 marcadas por uma política de redemocratização do país e transformação da economia, antes voltada à agricultura para um contexto urbano-industrial, exigindo assim alterações na organização do espaço tanto na divisão territorial

quanto a forma de se apreender tal espaço. Nesse contexto, os estudos regionais mostravam uma tendência à revisão teórico-metodológico, passando os autores a se apoiarem no conceito de região geográfica que para Corrêa abrange “uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso componentes humanos e a natureza. A idéia de harmonia (...) constitui o resultado de um longo processo de evolução, de maturação da região (...) assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio (...). O que importa é que na região haja uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acabe conferindo singularidade àquela região”(1986, p.28-29).

Em se tratando de Graciliano, algumas passagens proporcionam ao leitor a abstração de um local de clima seco, de vegetação danificada pelo clima, enfim, de um lugar não muito atraente às pessoas: “como haviam repousado bastante na areia do rio seco” (p.9); “Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala” (p.9); “fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés”(p.10)

A partir disso houve alteração no método utilizado para identificação, delimitação e compreensão do espaço regional, destacando as revisões conceituais realizadas pelo Prof. Jorge Zarur, na década de 40, Orlando Valverde (nos anos de 50) e Fábio Guimarães e Pedro Geiger (na década de 60), apoiados nos estudos de autores como Hartshorne, Sauer.

Em 1946, Jorge Zarur alegou que na história do regionalismo havia duas interpretações para o termo “região”. Na primeira concepção ela seria uma sistematização regional, um meio para conseguir controle – região como entidade abstrata e na segunda, área com certos atributos definidos, entidade real e concreta. Mas nesse mesmo estudo ele apresentou três definições para o termo região: a primeira, de modo geral, área qualquer na superfície da terra; a segunda como área complexa com agrupamento ou combinação de elementos físicos estáticos ou mesmo elementos humanos e a terceira como

área intrinsecamente constituída de elementos reais, dinâmicos e interdependentes.

Nota-se que mediante a estas afirmações, Zarur conceituou região como sendo: "... uma área concreta, na qual a combinação dos fatores ambientais e os demográficos criaram uma estrutura econômica e social homogênea", bastante diferente daquela predominante nas décadas anteriores – "a região natural", principalmente no que se refere aos aspectos socioeconômicos ...

Corrêa (1995) ao afirmar que a região natural não é o fundamento da geografia, uma vez que o ambiente é incapaz de explicar tudo, pois muito mais que unidades morfologicamente e fisicamente pré-constituídas, é o próprio resultado do trabalho humano em um determinado ambiente, quis remeter o leitor das obras de Graciliano Ramos à compreensão de que

o ambiente que os envolve tem qualquer coisa de deserto ou de casa fechada e fria. Nenhuma salvação, nenhum socorro virá do exterior. Os personagens estão entregues aos seus próprios destinos. E não contam sequer com a piedade do romancista. O Sr. Graciliano Ramos movimenta as suas figuras humanas com uma tamanha impassibilidade que logo indica o desencanto e a indiferença com que olha para a humanidade. Que me lembre, só a um dos seus personagens ele trata com verdadeira simpatia e este não é gente, mas um cachorro, em *Vidas Secas* (p.146).

Delgado de Carvalho emprestou da Geografia francesa a noção de região natural, devido à inexistência de um rigor científico quanto a este conceito entre os geógrafos brasileiros daquela época. Sabe-se que a ênfase dada à região natural por ele remetia a sociedade brasileira ao debate sobre a questão nacional, na versão colocada em evidência nos anos 20 e 30, que era a unidade nacional se sobrepôr às configurações espaciais construídas social e historicamente por afirmar que:

A "região natural" é uma subdivisão mais ou menos precisa e permanente que a observação e a investigação permitem criar

nessa área geográfica estudada com o intuito de salientar a importância respectiva das diferentes influências fisiográficas, respeitando o mais possível o jogo natural das forças em presença e colocando a síntese esboçada sob o ponto de vista do fator humano nela representado (Carvalho, 1925, p.82).

Os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado, da década de trinta, tomavam o Nordeste, como o exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país.

Albuquerque (2001) completa esse raciocínio ao dizer que:

Tomando acriticamente o recorte espacial Nordeste, esta produção artística 'de esquerda' termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca; já no final do século passado. Vindo ao encontro, em grande parte, da imagem de espaço-vítima, espoliado; espaço de carência, construído pelo discurso de suas oligarquias. Eles lançam mão de uma verdadeira mitologia do Nordeste, já fabricada pelo discurso anterior, e o submete a uma leitura 'marxista' que a inverte de sentido, mantendo-a, no entanto, presa à mesma lógica e questões. Do Nordeste pelo direito, passam a vê-lo pelo avesso, em que as mesmas linhas compõem o tecido, só que, no avesso, aparecem seus nós, seus cortes, suas emendas, seu rosto menos arrumado, embora constituinte também da própria malha imagética -discursiva chamada Nordeste (p.192).

Já para Fábio Guimarães, em 1941, muitos geógrafos ao tratarem o conceito de região natural de maneira simples se esqueciam de que este deriva de dois grandes princípios que servem de base à Geografia Moderna: o princípio de extensão como referência ao estudo da distribuição dos fenômenos pela superfície terrestre, respondendo às perguntas "onde" e "até onde" aliado ao princípio da conexão, do qual resulta o estudo das inter-relações existentes entre os fenômenos que ocorrem no mesmo local, de modo que a região natural só pode, pois, ser determinada, após a análise da distribuição dos fatores geográficos e das influências recíprocas que esses fatores exercem entre si numa dada extensão. (p.325).

Atendo-se a pergunta “até onde”, pode-se observar que o romancista, Graciliano Ramos em sua obra *Vidas Secas*, tece uma trama que ilustra bastante os conceitos acima ao narrar toda a trajetória do retirante Fabiano e sua família que em fuga da seca, da miséria, do ambiente hostil, descrevem ao leitor “onde” se encontram, representando assim a própria extensão do fenômeno da seca naquela região e a relação política associada a tais fatos. Mas também ao migrarem em busca de um novo lugar, uma nova vida, em que haja trabalho, alimento, meios de sobreviver, possuem consciência de “até onde” podem ir devido às limitações a eles impostas, pela falta de acesso à educação. Fabiano via como correta a atitude dos filhos: “saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos” (p.24), pois os meninos estarem perguntadores era insuportável, representava de que ao aprenderem qualquer coisa, necessitariam aprender mais, nunca estando satisfeitos.

O exemplo de desenvolvimento para Graciliano Ramos era a Região Sul, pois no último capítulo da obra *Vidas Secas* o nomeou de “Fuga” é perceptível a crença de que a intenção era proporcionar ao leitor imagens suficientes para que construíssem a concepção de um Nordeste a partir do problema da seca e conseqüentemente pobre e atrasado, existindo assim uma única solução:

“E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias”.

Pretendia-se dar ao conhecimento ministrado legitimidade, apresentando-o ao mesmo tempo científico e socialmente necessário. Para tanto, as contribuições de Delgado de Carvalho atendiam a preocupação das elites políticas e intelectuais da época; difundir os valores pátrios nas novas gerações e em amplos setores da sociedade. Portanto, fez-se necessário recorrer a um conceito muito caro à Geografia, o de região.

Termo que segundo Moreira (1993, p.7) – “vem de regere, que quer dizer dirigir, governar, expressão de claro matiz militar e estadual”, enquanto para Gomes (1996) remonta aos tempos do Império Romano, quando a palavra

regione era utilizada para designar área, independente ou não, que estava subordinada ao Império. Nessa mesma época, outros conceitos de natureza espacial passaram a ser empregados, como o de espaço (*spatium*) e o de províncias (*provincere*). Espaço este denominado como contínuo, ou como intervalo, ao qual estão dispostos os corpos, seguindo uma certa ordem neste vazio, e a província como área atribuída ao controle daqueles que a haviam submetido à ordem hegemônica romana.

Houve então a necessidade de se traçar, brevemente, a evolução do conceito de região, uma vez que ao término do Império Romano, deu-se continuidade ao processo de fragmentação regional gerando o poder descentralizado de territórios regionais do período feudal, o que fez com que a Igreja reforçasse o regionalismo político ao utilizar o tecido destas unidades regionais como base para o estabelecimento de sua hierarquia administrativa ficando claro para Gomes (1995) a relação entre a centralização do poder às várias competências e aos níveis diversos de autonomia de cada unidade da complexa burocracia administrativa desta instituição.

No século XVIII, O Estado Moderno na Europa, afirmou a legitimidade do Estado e da união regional em face de um inimigo comercial, cultural ou militar exterior, fazendo surgir o problema destas unidades espaciais (Gomes, 1995). Enquanto para Lencioni (1999), o conhecimento dos lugares era de interesse prioritário para o poder político e econômico do Estado - nação, uma vez que os interesses hegemônicos deveriam ser garantidos não só pelo domínio dos povos subjugados, mas também, no âmbito interno das nações dominantes, acreditando ser proveito de todos, aquilo que estava sendo proposto, idealizado.

Sabe-se que no final do século XIX e início do século XX devido à consolidação do Estado como projeto territorial e socialmente enraizado teve no contexto um recurso ideológico necessário, a instituição da disciplina Geografia nas escolas com o intuito de se construir e afirmar a nacionalidade que segundo Castro (2009):

em todas as histórias de disputas entre povos e nações a prerrogativa de um conhecimento em qualquer campo, sempre representou um trunfo importante para a dominação, ou seja, um recurso do poder e um fator de desequilíbrio entre os povos, os Impérios e os Estados (p.43).

Já para Lencioni (1999), na atualidade há duas interpretações acerca do objeto da Geografia: o primeiro que a denomina responsável pelo estudo da relação entre o homem e o meio; e um segundo em que a concebe como um campo de conhecimento particular voltado para o estudo das diferenciações das áreas, ambos, portanto, com concepções diferentes de região.

Na primeira concepção, a região existe em si mesma, é auto-evidente e, cabe ao pesquisador reconhecê-la por meio de estudos a priori. É a visão Lablacheana.

Na segunda, a região não existe em si mesma, ela não é objeto de estudo no significado restrito do tempo, uma vez que no final do processo de investigação, constrói o recorte espacial, mas por meio da elaboração de critérios pré-definidos – legado da geografia teórico-quantitativa - que para Lencioni (1999) é o grande responsável pelo descrédito à noção de região:

decorrente da instrumentalização da noção de região se transferir para a própria noção de região, fruto de uma impropriedade teórica e metodológica (p.203).

Pode-se ainda estar tal fato associado a um terceiro fator – a banalização da teoria e metodologia voltadas aos estudos sobre esse termo (região), embora possuam algum mérito científico. Afinal para Lencioni é: “a questão da unidade não diz respeito à Geografia regional, ela se constitui numa questão central da própria disciplina geográfica” (p.203) que para Corrêa (2007) “é muito complexo (...) Há diferentes conceituações de região” (p.22), e para que se desfça qualquer confusão seria necessária o termo ser analisado sob dois pontos:

Primeiro – a região ser vista como um conceito intelectualmente produzido de modo que “partimos da realidade, claro, mas a submetemos à vossa elaboração crítica, na sequência, procurando ir além da sua apreensão em

bases puramente sensoriais. Procuramos captar a gênese, a evolução e o significado do objeto, a região” (p.22-23).

Segundo – ficar claro de que todos os conceitos de região podem ser utilizados pelos geógrafos, afinal “todos eles são meios para se conhecer a realidade quer num aspecto espacial específico, quer numa dimensão totalizante; no entanto, é necessário que explicitemos o que estamos querendo e tenhamos um quadro territorial adequado aos nossos propósitos” (p.23).

Portanto, Gomes (1995) ao concordar em parte com Corrêa (2007) admite que há três grandes domínios, nos quais a noção de região está presente: a que os princípios fundamentais são a localização e extensão, a própria linguagem cotidiana do senso comum de modo que ao se empregar expressões como “ a região mais pobre, a região montanhosa ou a região da cidade “X”. Percebe-se que os critérios são diversos, não há precisão nos limites e a escala espacial também varia conforme aquilo que se quer expressar” (p.53).

Enquanto, o segundo domínio do termo está voltado ao administrativo, a região é vista como unidade administrativa, afinal é a divisão regional a base para se definir e exercer o controle na administração dos estados e de suas subunidades, quando necessário, pois é: “preciso destacar que muitas vezes empresas e instituições (como a Igreja Católica) utilizam os recortes regionais para delimitação de circunscrições hierárquicas administrativas” (p.54). O terceiro domínio é o das ciências em geral definido por uma regularidade de propriedades que a definem.

Sabe-se que a região como conceito, promove uma reflexão política de base territorial, coloca em jogo comunidades de interesses identificados e certa área e, finalmente permite uma discussão entre os limites da autonomia, face a um poder central, de modo que esses elementos dêem ao termo região uma nova definição, em vez de se assumir imediatamente o senso comum, que neste caso pode obscurecer o fundamento político de controle e gestão de um território (Gomes, op.cit.,p.73). Enquanto Hasbaert (1999) em seu discurso geográfico regional, preocupa-se com a singularidade ou diferenciação espacial, a coesão ou integração entre diferentes divisões do espaço; a relativa estabilidade e continuidade espacial e a relevância das meso-escalas, a fim de

verificar até que ponto estes pressupostos estariam sendo postos em xeque dentro do processo globalizador -fragmentador em cursos.

Acredita-se que os fatos humanos servem como caracterização dessas regiões naturais, desde que sejam considerados aqueles que resultaram do determinismo geográfico, sem desconsiderar de que há subdivisões, às quais repercutem diretamente na maneira como vivem esses habitantes, afinal não há como se comparar dados estatísticos, nem interpretá-los diante de uma multiplicidade de divisões regionais. Mas estudar a geografia regional, viva e integrada, feita de propósitos e ideais reveladores da bela unidade da Nação, por meio da descrição sincera e simples de nosso Brasil, como o verdadeiro espetáculo da vida e a legitimação de suas aspirações.

Por isso mesmo que no sertão a figura do vaqueiro com sua roupa de couro e a pele curtida pelo sol comprovam a afirmação de Cavalcanti de que:

o pensamento, o desenvolvimento mental e a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção que depende das relações sociais que o homem estabelece com o meio (2005).

Castro retrata bem a questão de quanto o homem imprime sua identidade no território em que habita ao dizer: “o desafio de compreender o mundo em que se colocam os geógrafos requer também considerar a força dos símbolos, das imagens e do imaginário ( ) o domínio do simbólico possui um inegável valor explicativo ( ) Apesar da racionalidade moderna ter conquistado os espaços objetivos das relações sociais, as representações permanecem nos dispositivos simbólicos, nas práticas codificadas e ritualizadas, no imaginário e em suas projeções (1997, p.156).

Homem da cidade – Fabiano não era – mas sujeito “Sim, Senhor”, de bruto, alienado a vaqueiro ébrio, de desenvolvimento sóbrio, não contente com o sentimento de se sentir homem, mas a estranheza e a decepção ao ser visto pela sociedade como feio, pois embora fosse semelhante ao humano, era bastante primitivo como macaco por apresentar instintos primários, não sendo o único matuto, mas um de muitos nordestinos que não tendo onde morar, engrossam as fileiras das periferias das grandes cidades, que desafiam o olhar

do romancista, exigindo dele um olhar além das aparências, das descrições, um cenário privilegiado para se observar o mundo.

A obra em si retrata exatamente o quanto o sul brasileiro era visto como uma região onde se concentrava a riqueza humana e as melhores condições climáticas, justamente pelo fato de que nem todo território era convidativo para os imigrantes estrangeiros, devido a climas desfavoráveis ou insalubres, tais como floresta Amazônica e o Nordeste, deveriam, segundo o estudioso Delgado de Carvalho, serem destinadas à colonização por nacionais. Afinal o Brasil como habitat do homem, oferece especialmente nas suas zonas subtropical e temperada ótimas condições de assimilação, não sendo normal o coeficiente de mortalidade de seus filhos, nas principais cidades, como também para o estrangeiro, imigrante, colono isso já ficaria muito mais difícil.

A mesma linguagem que é um forte instrumento para inserir o homem no mundo, no caso de Fabiano é justamente aquilo que o impede de contatar esse mundo, usufruir de suas riquezas, mas graças a Graciliano Ramos, ela adquire prestígio por meio do discurso indireto livre pode dar voz e visibilidade a este matuto, transcrevendo o que se passava na cabeça dele, retirando-o do silêncio, do anonimato, libertando-o do estado animalesco em que vivia, embora sua palavra não passasse de um grito.

No território Gracilianista o vaqueiro sente-se deslocado, é excluído de seu próprio espaço – a caatinga – espaço do idêntico, pois devido ao contexto não se reconhece como cangaceiro, o poder da farda fala mais alto, identifica como autoridade representativa, o amarelo, com justificativa de que haverá a necessidade de se buscar outro lugar, porque nesse já existe alguém que o ocupa.

# **CONSIDERAÇÕES**

## **FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reiterando a tese básica desta dissertação, todo texto ao ser pensado e produzido exige do escritor uma observação do mundo que o cerca, retrato do momento histórico, social e econômico revelado por meio da leitura. Sendo assim, enquanto uma forma de representação do real, o romance pode ser um caminho para o ensino da Geografia, contribuindo com seus objetivos de preparar o aluno para analisar o processo de transformação da sociedade, sem abandonar a visão crítica e sem se prender a visões definitivas.

Atualmente a incorporação crítica de discursos como o da Literatura podem servir como recurso de renovação metodológica para o ensino da Geografia, uma vez que a literatura moderna deixou de ter como tema central apenas o meio ambiente e passou a dar maior importância ao lugar e seus significados e à relação entre as pessoas e o lugar.

Solange T. de Lima (2000), mostra a literatura como um campo rico para os estudos geográficos, pois segundo ela,

o conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço. Através do contexto dos romances, por exemplo, o espaço de uma determinada localidade deixa de ser amorfo, para adquirir uma aura de significados muito especiais que nos sensibilizam e influenciam nossas atitudes ambientais (LIMA, 2000, p.31).

Afinal, se o papel da geografia no Ensino Fundamental é alfabetizar o aluno, de tal forma que ele seja capaz de ler o espaço geográfico, ao qual pertence, não se pode desprezar a afirmação de Neil Smith que afirma ser o

espaço geográfico algo novamente diferente, porque é manifestadamente físico: é o espaço físico das cidades, dos campos, das estradas, dos furacões e das fábricas.

A materialidade do espaço é manifestada por Graciliano Ramos, mas como fazer a transposição didática de uma realidade circunstanciada, como a retratada em *Vidas Secas*?

Os conceitos de paisagem (caatinga), espaço (sertão) regiões fazem parte dos conteúdos escolares de geografia no ensino básico (fundamental e médio), mas como foram vistos nesta dissertação eles são muito complexos. É Alunos desde a 6ª série poderão aprender efetivamente os conteúdos curriculares se houver uma proposta metodológica em que as teorias possam ser aplicadas em um contexto, tornando-se assim significativas.

Os educadores buscam recursos visuais, sonoros, tecnológicos para suas práticas cotidianas e o que aqui foi escolhido para se atingir esse objetivo foi o livro (e na sala de aula também o filme do mesmo nome): “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos, obra em que o autor descreve com precisão o espaço físico (sertão nordestino) assim como no capítulo “O Soldado Amarelo”, página 99 “... na lagoa seca, torrada, coberta de caatingas e capões de mato”, coloca como ponto de interesse, o homem, vinculado ao seu meio natural, além das marcas da seca e do meio social serem vistas como impressões sobre o próprio corpo do personagem e as rachaduras da terra árida transplantarem-se para o corpo de Fabiano, encontrando-se em seu pé, as mesmas “gretas fundas” que cobrem o sertão seco.

Atualmente, os educadores enfrentam sérios problemas em relação à construção de conhecimentos sobre espaço, uma vez que muitos não se reconhecem pertencentes a um, encaram-no simplesmente como meio físico (a própria natureza) e não social (a sociedade a qual está inserido). Mas, o papel do professor é procurar ir além da decodificação de letras e palavras que definam esse termo, podendo até mesmo iniciar com um verbete de dicionário:

“lugar mais ou menos delimitado, cuja área pode conter alguma coisa”. E, gradativamente, investigar a representação que cada um faz acerca do espaço que ocupa e quais elementos compõem esse cenário (casas, fábricas, praças, moradias), de tal forma que o discurso geográfico não seja apenas o desenrolar histórico dos fatos que geraram a construção do espaço geográfico, mas a sua atual configuração, identificando-se as dinâmicas responsáveis por ele ser o que é.

Pensando na escola, a linha teórica que parte do pressuposto da unidade entre sociedade e natureza, em sua totalidade, entendendo que as relações sociais são os principais fatores que regem o processo de construção espacial, os conteúdos e sua lógica interna não serão pontos de partida para definir absolutamente nada, mas sim a sequência de conhecimentos, grades curriculares, para a almejada interdisciplinaridade.

É necessário superar a ideia de que a disciplina de Geografia é baseada no senso comum e aparentemente inútil e decorativa, desvencilhando-se do papel a ela atribuída quando se consagrou: o da descrição dos fenômenos, sobretudo físicos e paisagísticos. Daí a proposta de se apresentar aos educadores de Geografia as contribuições específicas da disciplina Literatura como mais uma ferramenta para a elucidação do tema em questão.

O professor, atuando como especialista e pesquisador de sua área, não poderá ser generalista, nem se limitar a tratar descritivamente os assuntos: relevo, vegetação, clima, ecologia, hidrografia. Afinal, no processo de ensino e aprendizagem importa os objetivos que serão atingidos por meio daquele conteúdo e não o inverso: o conteúdo transformar-se propriamente num fim, a ponto de se atingir no máximo um nível de informação a respeito do fenômeno. É mais válido instrumentalizar os alunos para que autonomamente sejam capazes de ler o espaço em que vivem e a paisagem que o compõe.

Os procedimentos de ensino, porém, não consideram que o conhecimento possa ficar restrito apenas a observações e sensações. A produção acadêmica sobre “ensino de geografia” precisa ser divulgada e

trabalhada; afinal viver em sociedade é influenciar e estar submetido a influências diversas e não apenas o profissional se relegar ao bom senso que desenvolveu ao longo de sua prática docente.

A chegada do escolanovismo à geografia trouxe a reificação dos “estudos do meio” ; como recurso para se fazer observações e experiências, uma vez que passou a ser muito importante a realidade observável ou prática do aluno e não a supervalorização das teorias e das concepções tradicionais de ensino. É possível uma mediação entre conteúdos e experiências. Segundo Saviani:

Esses métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 1984, pp. 72-73)

Igualmente é necessário dialogar com outras disciplinas. Pode-se construir uma visão do espaço (sertão) por meio dos livros didáticos, mas, esta poderá ser ampliada com outros meios. Nas obras literárias, o autor, por meio de recursos de linguagem, leva o educando aprender a pensar, associar à vida aquilo que construiu na escola e a concluir que ninguém é dono do conhecimento, e, nem de que é válido somente o letrado: aquele que envolve pouco raciocínio e muitas informações.

À descrição do que seja sertão e caatinga, outras imagens poderão ser acrescentadas, por exemplo, em *Vidas Secas*, no capítulo *Mudança*, páginas 09 e 10, edição 2000: “A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas ... a seca aparecia-lhe como um fato necessário e a obstinação da criança irritava-o ... tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés”.

A paisagem, resultante do animal/homem/natureza permitirá também análises subjetivas e objetivas do livro e a possibilidade de criação no meio escolar.

Se a finalidade da Geografia e da educação formal é compreender e construir o mundo a partir das ideias que se formam dele, o que são as ideias para a geografia e a escola? E o que é o mundo para ambas? Marx (1985) resumiu o princípio da ideação na metáfora da abelha: o pior dos arquitetos é melhor que a melhor das abelhas, porque antes de construir sua casa projeta-a na cabeça.

A ideia que temos do real envolve dois campos distintos: o sensível (terreno dos sentidos: a visão, o tato, a audição, etc.) e da percepção (as sensações reunidas numa única imagem em nossa mente); o intelectual (terreno do pensamento e dos conceitos), desde que as práticas interliguem esses dois mundos. A obra analisada possibilita esse vôo.

*Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2000:9)*

O aluno, por meio desse trecho da obra, no capítulo Mudança, irá sensivelmente captar a realidade; o pensamento atuará sobre essa percepção, comparando o que é sertão (no livro) com o que é no estado de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, distinguindo as diferenças e semelhanças, elaborando assim a identidade dos fenômenos e a construção do conceito.

Consideram-se reais os fenômenos em que o homem sensorialmente os percebem e intelectualmente por meio do conceito os definem, sendo que são meras representações de como se vê, ouve, sente determinadas situações,

portanto não há como depositar teorias, no repertório dos seres humanos, mas sim permitir que eles próprios construam seus conhecimentos. Tudo que depende do conceito é abstrato, pois ao solicitar aos alunos para definirem o que é espaço, variadas respostas serão dadas, por isso a importância da prática combinada com a teoria numa interação dialética ao se relacionar com o mundo.

Tem-se a ideia de que a geografia precisa conceber o mundo como espaço para que consiga representá-lo e de que a sua especificidade acontece quando se relaciona imagem e fala por meio da categoria paisagem. Assim como, o território juntamente com as demais, forma a categoria da representação e construção da ideia de mundo da geografia, de modo que, o trânsito recíproco da imagem e da fala signifique o trânsito entre os conceitos de paisagem, território e espaço. Isso significa estabelecer uma relação entre o visto e o dito em que a imagem sensível da paisagem se transforme na fala do conceito do espaço.

Nasce a necessidade do homem buscar um lugar em que possa viver, conviver com a sua realidade, ser chamado pelo seu próprio nome e capaz de ir e vir, sem ser cerceado pelo meio, as pessoas que os rodeiam, mas sim dono de seu próprio destino, destino este que num primeiro momento amedronta, embora seja fortalecimento, coragem, para prosseguir, afinal existe uma meta, um caminho que só o personagem desta história poderá seguir.

O ser em questão deixa de ser um mero expectador de sua própria história e procura pontuá-la, pausá-la, conforme suas necessidades básicas, um eterno retirante, um verdadeiro buscador, se assim se pode dizer, de sonhos, acreditando que como num passe de mágica, de que amanhã será diferente, embora a cada segundo, instante, descubra de que não corresponde a fazer diferente, porém olhar por outro ângulo aquilo que sempre esteve a sua volta.

A palavra Ser- tão se subdividida remete o leitor a ideia de ser tão o quê? Corajoso, valente, acomodado, medroso, ou melhor, ser verdadeiramente o quê nem ele próprio sabe.

Como já dizia Lewis Carrol:

“se não sabes onde queres chegar, qualquer caminho serve”.

Fabiano com todas as suas angústias quer ser capaz de escolher seu caminho, caminho inexistente para aqueles que creem de que há uma única saída para um determinado destino e por isso, espanta-se quando sua história, o registro dela, o direcionamento foge de suas mãos e exige dele uma atitude, um sair de cima do muro e se expor, para que todos conheçam sua verdadeira identidade, homem fraco, frágil, longe de tudo aquilo que aparenta ser.

Terra, que terra é esta dos miseráveis, das dores, das conquistas, das misérias, a qual necessariamente não precisa estar no sertão nem no Nordeste, e sim na alma daqueles que temem colocar a face à mostra para que o mundo a conheça e reconheça nela todas as suas marcas, imperfeições e, principalmente, fragilidade, as quais não o fazem menor e muito menos insignificante, mas realmente um ser vivo, real feito de carne e osso, o qual pode não saber falar, comunicar, porém capaz de por meios de grunhidos muito nos ensinar.

E agora, Fabiano?

A seca chegou,  
a paisagem secou,  
a água sumiu,  
e agora, Fabiano?

E agora, Você?

Você que é sem nome,  
que feito um andarilho,  
caminha, procura uma vida melhor

E agora, Fabiano?

Está sem casa,  
está sem discurso,  
está sozinho,  
já não tem o que beber,  
já não tem o que comer

E agora, Fabiano?

Com a chave na mão  
quer voltar as suas origens,  
mas sozinho,  
feito bicho-do-mato,  
sem qualquer canto  
para se encostar,  
foge da luta,  
marcha para onde  
só Deus sabe.

A literatura desempenhou o lado subjetivo, o lúdico e o seu papel de arte, nesse trabalho. Mas também desempenhou o papel de produtora e transmissora de conhecimento e, por isso, ela deve ser utilizada nas ciências humanas. Nos estudos geográficos ela vem se intensificando desde o final do século anterior e contribuído na relação interdisciplinar entre essas áreas de conhecimento.

Fica aqui, portanto, o grande desafio a nós educadores, de trazermos aos alunos a luz do conhecimento a esses Fabianos, que estão por todas as redes de ensino, em busca primeiramente da conquista de novos e diferentes espaços de aprendizagem, de modo que adquiram as habilidades e competências necessárias, para compreenderem o quanto são sujeitos responsáveis pela sociedade em que residem, por meio de suas impressões, representações sobre o espaço, o lugar que ocupam.

Saiba você, pesquisador! As disciplinas curriculares são somente o meio, o caminho, o recurso propiciador ao desenvolvimento das perspectivas de vida de nossos alunos, melhorias na qualidade de ensino e aprendizagem de nossas crianças, pois o grande mote da educação hoje é despertar nesses sujeitos o interesse pelas situações que afligem à comunidade, o meio em que vivem em diferentes níveis ou escalas, desde que compreendam de que ninguém vive sozinho, um depende do outro, e de que não é possível se pensar em espaço como algo limitado, fragmentado, mas sim local de conflitos, desejos, projetos de vida, inspiração, experiências aprendidas por intermédio de todas as manifestações culturais presentes tanto no currículo quanto nos

maravilhosos livros paradidáticos que fazem parte de nosso acervo cultural ou atpe mesmo de nossas cabeceiras.

E agora, Professor!

Cabe a você apresentar tais livros como um excelente criador de ideias de que ainda vale a pena ler o mundo com os olhos que tem e não com os olhos dos outros; dos que querem retirar deles o direito de pensar, de refletir, de perceber, de imaginar, de julgar, de amar, de odiar, de se emocionar, de se descobrir, justamente por não se considerarem parte desse mundo, nem responsável pelo o que ocorre com e no planeta ou até fora dele, sendo alienado à condição que lhe compete, agente transformador, um instrumento vivo de libertação e não reprodução de um sistema.

Concluo esse trabalho com uma única certeza como educadora cidadã de que ninguém pode oferecer aquilo que nunca recebeu, daí a grande responsabilidade em primeiramente me apaixonar, viver o que vou transmitir a fim de ter credibilidade e segurança para ir muito além do discurso seja ele literário, geográfico; afinal só se permite que o outro entre em contato verdadeiramente com o conhecimento quando se acredita plenamente no que se ensina. E Fabiano muito me ensinou!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Uma visão autêntica do Nordeste**. In FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo: Global, 2004.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BASTOS, AR.V.R. **Espaço e Literatura. Algumas Reflexões Teóricas**. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, nº5, p.55-66, 1988.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

BROSSEAU, Marc. **Geografia e literatura**. In: CORRÊA, Roberto L.&ROSENDAHL R. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro. ED UERJ, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Presença da literatura brasileira – Modernismo: História Ideologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão. Ensaio sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos**, Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1956.

CAVALCANTE, Maria Imaculada; NASCIMENTO, Livia Abrahão do. Literatura e Geografia: uma abordagem do espaço em “A mulher que comeu o amante”. In Espaço em Revista. UFG, Catalão, jan./jun, 2009: 99-114

CAVALCANTI, Lana S. (1998). **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Papirus. (2005).

----- “A prática docente em Geografia: contexto e sujeitos”. In: Joana Paulin Romanowski e outros (org). **Conhecimento Local e Conhecimento Universal: formação docente, aprendizado e ensino**. Curitiba: Champagnot, v. 5.

Coli, Jorge. A violência e o caipira. In: **Estudos Históricos: arte e história**. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, n. 30, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato (1987). **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática.

COSGROVE, D. **O mundo de significados. Geografia Cultural e Imaginação**. In: CORRÊA, R.L e ROSENDAAL, Z (orgs). **Geografia Cultural. Um século (2)**. Rio de Janeiro EDUERJ, 2000).

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática,1985. Série Princípios , p.05.

FARIA, Ana Lúcia G. de (1994). **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez.

FERRAZ, C.B.O. **“O discurso geográfico: a obra de Delgado de Carvalho no contexto da Geografia Brasileira – 1913 a 1942**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 1994, p.80.

FRANCO, Maria Sylvia C. **Os homens livres na Ordem escravocrata**. São Paulo: Ed. Kairós, 1983.

FREIRE, Paulo (1993). **Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez.

HAESBAERT, R. **Território, Poesia e Identidade**. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, nº3, p.20-32,1997.

HILLAS, Sylvio Costa. **Geografia e Literatura – Um Diálogo Interdisciplinar Prosaico e Poético**. (disponível em:

[http://www.socbrasileiradegeografia.com.br/revista\\_sbg/Artigos\\_arquivos/GeografiaeLiteratura\\_UmDialogoInterdisciplinarProsa.pdf](http://www.socbrasileiradegeografia.com.br/revista_sbg/Artigos_arquivos/GeografiaeLiteratura_UmDialogoInterdisciplinarProsa.pdf) ).

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo; EDUSP, 2003.

LIMA, S.T. **Geografia e literatura, alguns pontos sobre a percepção da paisagem**: GEOSUL, Florianópolis, v.15, n.30, p.7-33. Jul/dez 2000.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**, 1976.

MAGALHÃES, Belmira. **Vidas Secas: os desejos de Sinhá Vitória**. Curitiba: HD Editora, 2001.

MARTINS, José de Souza (1996). **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas.

MARTINS, Maria Helena (1982). **O que é leitura?**. São Paulo: Brasiliense.

MARTINS, Vivian Christine (2006). **Uma Compreensão do cotidiano a partir da Integração Geografia-Literatura: estratégia didática no processo de alfabetização de jovens e adultos**. São Paulo: USP – FFLCH (Dissertação de Mestrado).

MONTEIRO, Carlos A. F. **O mapa e a trama – Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos R. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**, 1988, p.32-33).

MOREIRA, Ruy (2004). “**SER-TÕES: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro)**”. In *Ciência Geográfica*. Bauru, v. X, n. X, p. 186-194.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico: por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Ed. Contexto.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Ed. Contexto.

MORETTI, F. **Atlas do Romance Europeu 1800-1900**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Francisco (1981). **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. PORTO, Carlos Walter Gonçalves (2004a). “**Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais**”. *Interthesis*, v.1, n.1.

(2004b). “**Visões imaginárias da cidade da Bahia – um diálogo entre a geografia e a literatura**”. In: FERRAZ, Delio José; SILVA, Maria Auxiliadora da (org). *Visões imaginárias da cidade da Bahia – um diálogo entre a Geografia e a literatura*. Salvador: EDUFBA, v.1, p 11-14.

PEREIRA, Diamantino. **Geografia escolar: uma questão de identidade**. *Cadernos Cedes*, vol. 39.

RAMOS, Graciliano (1977). **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977/2000.

SUZUKI, Julio C. **“O espaço na narrativa: uma leitura do conto Preciosidade”**, 2006, p.65.

TUAN, YI-fu. **Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difl, 1980.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil: história, organização e psicologia**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1952, vol. 1.